

82.091
COL Via

79115



COLÓQUIO INTERNACIONAL

Viagem e Cosmopolitismo: Da Ilha ao Mundo

25 e 26 de Outubro de 2018 // Funchal (Madeira, Portugal)



1. VIAGEM E UTOPIA // 2. PERIFERIAS E COSMOPOLITISMO // 3. MOBILIDADES, DIÁLOGOS, IDENTIDADES E CONFLITOS

4. PATRIMÓNIO (IM)MATERIAL // 5. COSMOPOLITISMO DIGITAL // 6. DESTERRITORIALIZAÇÃO E EXÍLIO



UNIVERSIDADE DA MADEIRA
BIBLIOTECA

82.091
COL Via

Viagem e Cosmopolitismo: Da Ilha ao Mundo

25 e 26 de Outubro de 2018 // Funchal (Madeira, Portugal)

Viagem e Cosmopolitismo: Da ilha para o mundo
Funchal, 25 e 26 de Outubro de 2018

Voyage and Cosmopolitanism: From the Island to the World
Funchal, the 25.th – 26.th of October 2018

Título: Viagem e Cosmopolitismo: da ilha ao Mundo

Autores: Alcina Sousa, Ana Isabel Moniz, Cristina Santos Pinheiro, Joaquim Pinheiro, Leonor Coelho

Assistente Editorial: Francisco C. Marques

ISBN: 978-989-8805-39-3

Funchal, 2018

Comissão Organizadora:

Alcina Sousa
Ana Isabel Moniz
Cristina Santos Pinheiro
Joaquim Pinheiro
Leonor Coelho

Comissão Científica:

Ana Paula Coutinho (I.L.C. - Universidade do Porto)
Cristina Álvares (CEHUM/Universidade do Minho)
Cristina Pimentel (CEC-Centro de Estudos Clássicos/Universidade de Lisboa)
Delfim Leão (CECH/Universidade de Coimbra)
Dominique Faria (CEC/Universidade dos Açores)
Fugénia Pereira (CLLC/Universidade de Aveiro)
Fátima Outeirinho (I.L.C./ Universidade do Porto)
Fernanda Olival (CIDEHUS/Universidade de Évora)
Françoise Graziani (UMR CNRS 6240 LISA- Chaire Esprit Méditerranéen Paul Valéry/ Université de Corse)
Helena Carvalhão Buescu (CEC/Universidade de Lisboa)
Hélio Alves (APLC/CIDEHUS/Universidade de Évora)
José Maria Mestre Mestre (Universidade de Cádiz)
José Pedro Serra (CEC-Centro de Estudos Clássicos/Universidade de Lisboa)
José Tolentino Mendonça (Universidade Católica Portuguesa)
Maria João Marçal (CEL/Universidade de Évora)
Maria de Jesus Cabral (APEF/CEAUL/Universidade de Lisboa)
Maria de Lourdes Cândio Martins (CEC/Universidade de Lisboa)
Maria-Pilar Tresaco (T3 AxEL/Universidade de Saragoça)
Onésimo Teotónio Almeida (Brown University)
Otilia Pires Martins (CLLC/Universidade de Aveiro)
Rodrigo Furtado (CEC- Centro de Estudos Clássicos/Universidade de Lisboa)
Rui Carita (Universidade da Madeira)
Sérgio Guimarães Sousa (CEHUM/Universidade do Minho)
Teresa Cid (CEAUL/Universidade de Lisboa)

Entidade organizadora:

Universidade da Madeira e CEC – Universidade de Lisboa (Projecto Viagem e Utopia)

Centros de Investigação e Universidades parceiros do evento:

CEAUL, Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa
CEC, Centro de Estudos Comparatistas – Universidade de Lisboa
CEC, Centro de Estudos Clássicos – Universidade de Lisboa
CECH, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos – Universidade de Coimbra
CIDEHUS, Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades - Universidade de Évora
I.L.C, Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa - Universidade do Porto
LIHAM (Grupo de Pesquisa) - Limiar Humano / Animal / Máquina – Universidade do Minho

Associações parceiras do evento:

APEF - Associação Portuguesa de Estudos Franceses
APLC - Associação Portuguesa de Literatura Comparada

Apresentação

Num mundo cada vez mais desfigurado e em constante reconstrução, como se dá (e se deu) a ver o Homem e a sua geografia? Num mundo também constantemente atravessado por grandes movimentos migratórios, como se poderá (re)ver a concepção de exílio? Se este constitui agora, como defende Galin Tihanov, uma experiência associada à criatividade e/ou ao sofrimento, enquanto modo de conceber um novo cosmopolitismo numa sociedade que recria alteridades, como podem as Ciências Sociais e as Humanidades contribuir para um tal espelhamento, envolvendo o diálogo, a interrogação nas diversas vertentes e categorizações?

Lançando-se nas múltiplas vias que a Comparação (ou Comparatismo?), a Relação e o Encontro permitem abrir num mundo em acelerada transformação, que em vez de anular fronteiras deverá antes interrogá-las, este Colóquio procura promover a reflexão e o debate sobre a Viagem e o Cosmopolitismo no conjunto das suas vertentes, onde se inclui a Utopia.

A Viagem que nos leva à(s) ilha(s), entre elas à da Madeira, cuja descoberta, há 600 anos, se comemora precisamente em 2018, leva-nos também da ilha ao mundo e a questionar a Utopia, em conflito (e simbiose?) com o desencanto.

Presentation:

The University of Madeira and the Project Utopia and Voyage of the CEC – Centre for Comparative Studies of the University of Lisbon are organizing a scientific meeting entitled "Voyage and Cosmopolitanism: From the Island to the World", to be held at the University of Madeira on the 25th and 26th October 2018, in partnership with several Research Centres and Institutions.

We intend to problematize various issues in the current scholarship of the humanities and social sciences from inter- and cross-cultural perspectives: cultural heritage, culture and globalization, identity and the sense of belonging, the impact of (re)writing literatures and other arts within the ethics of "reliance", proposed by Edgar Morin, and of the universalizing singularities, in Alain Badiou's view.

Citizen of a world which is increasingly liquefied and in constant rebuilding, how have an individual and his/her geography been and still are depicted? In a world which should not deny the frontiers, but rather question them, recalling Galin Tihanov's perspective on the current concept of exile, as an experience associated with creativity and / or suffering as a way of conceiving a new cosmopolitanism in a society that recreates otherness, how can Social Sciences and Humanities contribute to this mirroring of both the dialogue and interrogation in various clines and categorizations?

In the many paths that Comparison, Relation and Encounter allow in a ever changing world, our objective is to promote reflection and debate on the idea of Cosmopolitanism, voyage and Utopia in its multiple aspects, underlying the dialogic exchange between the local and the global and inherently the idea of Citizenship.

Oradores:

Adelaide Gregorio FINS; França e Portugal; Sorbonne Université, EDV - Universidade de Coimbra (CECH)

“Pensée archipélique, antillanité et cosmopolitisme chez Édouard Glissant”

Nous voudrions interroger ici l’horizon du voyage dans l’œuvre d’Édouard Glissant, à travers son projet littéraire et philosophique, pour savoir de quelle manière l’écrivain s’engage à l’égard de la figure de l’homme comme citoyen du monde. D’après Glissant les peuples ont toujours traversé les mers ; or ce point de vue fait signe vers une vision cosmopolite de la politique, le cosmopolitisme ayant pour fondement ontologique et juridique l’appartenance de l’homme à l’humanité toute entière. De fait, son œuvre nous invite à l’échange et au voyage à travers les mers depuis la mère-Afrique jusqu’aux Caraïbes et à l’Amérique en passant par l’Europe. Une humanité engagée dans un chaos-monde où la créolisation du monde reste un humanisme défini par une identité-relation, plus adaptée à la situation contemporaine que celle du point de vue d’une identité fixe propres aux États-nations européens. En effet, Glissant est un écrivain martiniquais, qui revendique dans ses textes le droit à la pluralité et cherche à fonder une poétique du divers ; l’antillanité étant, selon lui, une entité à la fois unie et composite, résultant des apports raciaux et culturels multiples. Nous nous demanderons donc s’il est possible de refonder le cosmopolitisme à partir de l’idée glissantienne de tout-monde, de créolisation et d’antillanité Sa dimension poético-philosophique peut-elle apporter quelque chose de neuf au cosmopolitisme moderne ? Face à la mondialisation et à la globalisation, le cosmopolitisme est redevenu depuis quelques années une préoccupation centrale au sein des savoirs. Nous interrogerons ici des notions connexes à celle de cosmopolitisme mais non synonymes, comme celle de tout-monde, d’antillanité et de créolisation afin de comprendre dans quelle mesure la pensée de Glissant permet de penser autrement les dimensions culturelles et politiques du cosmopolitisme européen du XXème siècle. Notre argumentaire comportera trois parties : nous suivrons Sartorius. Le roman des Batoutos (1999), où Glissant s’attache aux enjeux du voyage et de la créolisation afin de nous introduire à une poétique du divers. L’écrivain montre à ce sujet dans son Discours antillais (1981) que ce processus de créolisation s’opère sur la base de paradoxes, d’exils, de deuils et de conflits. Deuxièmement nous réfléchirons à la notion de cosmopolitisme à partir de la perspective de l’histoire des idées philosophiques, celles du stoïcisme grec, pour qui le logos fondait la possibilité d’une cité des hommes, et celles des modernes, chez Kant, fondées sur une vision optimiste du progrès et de l’histoire. A suivre Glissant, il s’agira de rompre avec le fondement du cosmopolitisme moderne et de quitter le point de vue centré sur l’Europe, celui de la pensée unique du système philosophique si chère au cosmopolitisme des Lumières françaises, qui a pourtant cautionné l’empire colonial. L’enjeu sera

d’identifier les points de résistance à l’idéal philosophique et normatif du cosmopolitisme. Le troisièmement moment d’analyse révélera que dans un monde postcolonial globalisé, Glissant réinvente un autre hypothèse cosmopolite sous forme d’une poétique de la relation permettant d’aller au-delà des identités culturelles figées et territorialisées. Par conséquent nous envisagerons une perspective cosmopolite décentrée, plurielle, transnationale et multiculturelle. Une perspective cosmopolitique, élargie à l’antillanité, seule capable de contenir une éthique et une politique de l’hospitalité envers l’autre, puisqu’elle ouvre à l’humanité toute entière faite de singularités. La pensée archipélique étant ce qui permet aux êtres humains de sortir de tout espace insulaire pour révéler ce qu’il y a en eux de plus originel : l’altérité.

Aghogho AKPOME; South Africa; University of Zululand

“‘African Elsewheres’: Space/place, mobility and transcontinental exchange in Helon Habila’s Measuring Time”

This paper interrogates what may be called ‘African elsewhere’ (à la Hart, 2002) in Measuring Time (2007), the award-winning novel of the Nigerian writer, Helon Habila. Habila provides an innovative re-imagining of the links between history, space/place, mobility and cosmopolitanism in the representation of contemporary African subjecthood. This is done through extensive reference to a diversity of African cultures and imaginaries in different ways, one of which is the travels of an itinerant soldier named LaMamo. Another is through references to the poetry collection of LaMamo’s Uncle Iliya, which consists exclusively of texts from Wole Soyinka and Léopold Senghor. The invocation of specific trans-epochal and transcultural African imaginaries also includes a tour of the continent by a fictional character and a historical figure, the late Nigerian poet, Christopher Okigbo. Through these deft narrative manoeuvres, Habila explores the roles of mobility as well the circulation and exchange of ideas across epochs within the African milieu in the (re)imagining of African identities and realities.

Alcina Maria Pereira de SOUSA; Portugal; Universidade da Madeira - ULICES/CEAUL

“Voyage and Cosmopolitanism: The long relationship between Portuguese and English in Madeira”

A brief google search of the keywords “cosmopolitismo Madeira” (96,900 entries) and “cosmopolitanism, Madeira” (5,120 entries) discloses collocates like “voyage”, “sea”, “Funchal”, “History” and “culture” to be found in online flyers, adverts, and other texts related to academic, scientific and professional discursive practices on the Island. This paper is meant to discuss the extent to which linguistic cosmopolitanism, that is language perceived both as a medium of communication and a marker of cultural identity(ies), as defended by Sonntag (2015), have been

developed for centuries in residents' / natives' everyday dialogical encounters with visitors/foreigners in Madeira. As such this study departs from the analysis of linguistic choices vindicating (i) the instrumental use of languages in contact, with a particular focus on the English language (cf. Elucidário Madeirense, or Vocabulário Madeirense by Silva, 1950), (ii) the socio-cultural and affective understanding of language and communication especially due to ongoing contact with English as an additional language and culture having contributed to speakers' building a particular sense of self. The analysis of local newspapers like The Comet (Dec. 1882, four issues) and Heraldo da Madeira (1904-1915) provide enough evidence likely to "map out the sociocultural norms and conventions as well as the linguistic forms and strategies that underlie the pragmatic performance of different language speakers in a variety of target language use situations" (Mirzae, Roohani and Esmacili, 2012: 79).

Alicia Ruiz GUTIÉRREZ; España; Departamento de Ciencias Históricas, Universidad de Cantabria

"Cosmopolitismo en la Hispania romana: una aproximación desde la epigrafía"

La circulación de personas fue intensa en el Imperio romano, favorecida por la existencia de unas fronteras políticas abiertas al tránsito. La itinerancia se convirtió en una forma de vida propia –pero no exclusiva– de magistrados, militares, comerciantes y otras personas que debían desplazarse de modo habitual por motivos profesionales. El proyecto MIGRA, un SIG basado en la epigrafía romana, pretende analizar y cartografiar los movimientos migratorios entre las distintas ciudades. Además de presentar este proyecto de investigación, nuestra comunicación ofrecerá una reflexión en torno a los intercambios, la conectividad y la globalización en el marco de las provincias hispanas. El estudio de los préstamos, interacciones y transferencias culturales que se dieron en este espacio de libre circulación se opone a viejos modelos interpretativos, basados en los conceptos contrapuestos de centro-periferia, romano-indígena e itálico-provincial, muy arraigados aún en los discursos historiográficos de época moderna.

Ana Isabel MONIZ; Portugal; Universidade da Madeira e Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa; **Ana-Maria Claver GIMÉNEZ**; **María-Pilar Tresaco BELÍO**, Universidade de Saragoça (Governo de Aragón / FEDER), Grupo de pesquisa T3AxEL

"Claudius Bombarnac, le cosmopolitisme de Jules Verne"

Telle est suscription de la dépêche que je trouvai le 13 mai, en arrivant à Tiflis. Voici le texte de cette dépêche :

Toute affaire cessante à la date du 15 courant Claudius Bombarnac se trouvera au port Ouzoun-Ada littoral est de Caspienne. Là prendra train direct Grand-Transasiatique entre frontière Europe et capitale Céleste-Empire Devra transmettre impressions sous forme chroniques interviewer personnages marquants rencontrés sur parcours signaler moindres incidents par lettres ou télégrammes suivant nécessités de bon reportage.

XXe Siècle compte sur zèle intelligence activité adresse de son correspondant auquel il ouvre crédit illimité.¹

Ce texte, début du roman de Jules Verne *Claudius Bombarnac* publié en 1892, nous annonce l'intrigue de l'œuvre. Tout au long d'un voyage entre Tiflis et Pékin, les paysages, les nationalités et les cultures de l'Europe et de l'Asie se retrouvent au bord du train transasiatique où plusieurs personnages vont faire preuve d'un cosmopolitisme bizarre pour l'époque. Ces personnes qui voyagent à travers deux continents, par goût ou par nécessité, sont les représentants de différents types de cosmopolitisme. Ils deviennent le symbole de toutes les valeurs humaines du monde oriental ainsi que celles du monde occidental, mais c'est le jeune journaliste qui va divulguer et même juger, selon sa perception de jeune homme français, toutes ces expériences.

Le moyen de transport, le train, englobe et soutient la vision cosmopolite de Jules Verne. L'auteur transmet l'expérience d'apprécier les événements selon leur origine et leur but.

Ana-Maria Claver GIMÉNEZ; **María-Pilar Tresaco BELÍO**; Espagne ; Université de Saragosse

Ana Isabel MONIZ ; Portugal ; Université de Madère;T3AxEL

"*Andronika*: conflit et identité"

La guerre d'Indépendance de la Grèce du XIXe siècle est l'axe fondamental du roman *L'Archipel en feu* de Jules Verne. Le conflit et la construction de l'identité conforment les circonstances des événements historiques ainsi que personnels.

Après avoir vécu sous l'impérialisme ottoman qui a essayé d'anéantir son héritage culturel et dans un contexte romantique de reconstruction, ce peuple de l'antiquité se réveille avec l'aide d'autres pays européens.

Cette situation de guerre et de convivialité fait possible les contacts humains qui catégorisent les multiples identités, dès plus abjectes aux plus généreuses.

¹ VERNE, Jules (1892). *Claudius Bombarnac Carnet d'un reporter*. Paris : J Hetzel.p. 1-2.

Verne se pose des questions qui envisagent le conflit et l'identité d'un pays envers son histoire mais surtout par rapport à une figure féminine qui émerge puissante sur le reste de personnages : Andronika, une vraie héroïne.

Son prénom boucle un certain problème d'identité. La racine d'Andronika est *ανδρως* c'est-à-dire, un homme, mais Andronika est une femme. Elle n'a aucun problème d'identité mais les circonstances de sa vie, de sa famille et de l'histoire de son pays l'amènent à réagir d'une façon inhabituelle pour une femme grecque du XIXe siècle. Jules Verne, cet auteur autant de fois signalé comme misogynne, nous montrera une autre façon d'être femme. Andronika se révèle avec une identité inouïe et révolutionnaire.

André BÉNIT; Espagne; Universidad Autónoma de Madrid

"De Cuba à Calcutta. "Tea Time à New Delhi" (2017) de Jean-Pol Hecq, ou le voyage du Che en Inde (1959)"

Quelques mois après l'entrée triomphale (le 8 janvier 1959) de Castro à La Havane dans l'Île de Cuba, Ernesto Che Guevara, récemment nommé ambassadeur plénipotentiaire par Fidel, entreprend à la tête d'une délégation une tournée officielle de trois mois à l'étranger afin de faire connaître la révolution castriste. Son périple passe par l'Inde où il arrive le 30 juin en provenance de l'Égypte et d'où il repartira le 12 juillet pour une autre île, le Japon où il tient à se rendre compte en personne du désastre d'Hiroshima. En Inde, Guevara tente de trouver un allié susceptible de lui apporter un soutien politique (notamment en lui fournissant des armes) et économique (notamment en lui achetant le sucre que les campagnes cubaines produisent en grande quantité), et ce à un moment où les pôles occidentaux et soviétiques cherchent à isoler le nouveau régime ou à l'influencer dans ses choix d'avenir. Certes, la troisième voie – le « non-alignement » – pourrait être séduisante mais, aux yeux de l'émissaire de La Havane, ce choix ressemble davantage à un non-choix, dès lors que, dans un difficile équilibre, l'Inde souhaite ne se fâcher avec personne. Dans *Tea Time à New Delhi* écrit à l'occasion du centenaire de la naissance d'Indira Gandhi (1917-1984) et du cinquantième anniversaire de l'exécution du Che (1928-1967) – et qu'il dédie à la mémoire du grand poète indien Sunil Gangopadhyay (1934-2012) –, le journaliste et romancier montois Jean-Pol Hecq, infatigable baroudeur curieux de toutes les cultures du monde et grand connaisseur de l'Inde où il a séjourné à plusieurs reprises, relate avec subtilité ce voyage qui marquera un tournant dans la trajectoire tant du célèbre révolutionnaire argentin-cubain que de celle qui, à l'époque, n'est encore que la fille du premier Premier ministre de l'Union indienne, Jawaharlal Nehru, mais qui sera bientôt appelée à jouer un rôle politique majeur dans son pays. Mêlant subtilement la réalité historique et l'intrigue romanesque, Hecq emmène le lecteur dans cette Inde en quête d'elle-même et l'invite à s'interroger à son tour sur la mystique et l'érotisme du pouvoir, ses contraintes et ses limites.

Assurément, l'un des moments forts de ce roman aux multiples facettes – politique, policier et d'espionnage – est celui de la rencontre d'Indira et d'Ernesto et des échanges qu'ils purent avoir ; deux êtres qui partageaient une même passion pour la littérature et la langue française, qui vibraient pour des causes identiques et professaient des opinions politiques proches, mais qui divergeaient manifestement sur les moyens à mettre en œuvre pour atteindre leur but, et ce alors qu'à l'heure de la décolonisation et au temps où la Guerre froide battait son plein, leurs pays vivaient un moment crucial et cherchaient à se construire un futur. Quant à la romance qu'ils auraient vécue ou auraient pu vivre...

Anna Christina da SILVA; Portugal; Centro de Estudos Humanísticos - CEHu, Universidade dos Açores

"De Pero Vaz de Caminha a Vitorino Nemésio: tópicos para uma hermenêutica da miscigenação, da antropofagia e da vanguarda"

O presente estudo pretende analisar alguns episódios da historiografia literária brasileira e portuguesa relacionados com a história da recepção da carta de Pero Vaz de Caminha acerca do "descobrimento" do Brasil. Pretendo seguir os argumentos críticos, poéticos e teóricos formulados por célebres leitores e (re)escritores da carta de Caminha como, por exemplo, Vitorino Nemésio e Oswald de Andrade. Para desenvolver uma abordagem antropológica e sociológica da carta, recorrerei aos estudos publicados por Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro.

Anna-Leena TOIVANEN; França; Centre d'Enseignement et de Recherche en Etudes Postcoloniales; University of Liège

"Clandestine Mobility, European Peripheries and Practical Cosmopolitanism in Fabienne Kanor's novel *Faire l'aventure* (2014)"

Mobility is a recurrent theme in contemporary Afrodiasporic literatures. Because of the entangled histories and presents of the two continents, mobilities between Africa and Europe continue to inspire Afrodiasporic authors. With their representations of Afro-European mobilities, contemporary Afrodiasporic authors not only contribute to the re-writing of Europe from an African perspective, but also inscribe different central and peripheral European locations onto the postcolonial map. As mobility is frequently perceived as the "essence of cosmopolitanism" (Sheller 2011, 349), literary texts featuring representations of Afro-European mobilities and the transcultural encounters they entail may also lend themselves to an analysis focusing on the manifestations of the idea of cosmopolitanism. This paper focuses on Fabienne Kanor's novel *Faire l'aventure* (2014) and its portrayal of clandestine Afro-European mobilities and a form of popular cosmopolitanism which I will refer to as "débrouillardise cosmopolitanism" in order to

highlight its resourceful, pragmatic character. The novel represents the protagonist's clandestine travels from Senegal to European insular locations that are peripheral from the central European perspective; the Canary Islands and another currently widely mediated "gateway" to Europe, namely the isle of Lampedusa. Kanor's protagonist is represented as resourceful clandestine African adventurer trying to gain his livelihood in the shadows of globalisation as a street vendor and working on vegetable plantations. I am particularly interested in the text's construction of the insular settings as peripheral and unsatisfactory substitutes for the "real" Europe that the protagonist keeps obsessively pursuing. This way, the text associates peripheral European insular spaces with the melancholic loss of an unreachable dream. The other focus of this paper is on how *Faire l'aventure* redefines and revises the concept of cosmopolitanism in the context of clandestine Afro-European mobility. I argue that the pragmatic *débrouillardise* cosmopolitanism that the text embodies remains inevitably imperfect: rather than from active engagements with cosmopolitan ideals such as openness to Otherness, it springs from the constraints of the situation, and should therefore not be romanticised. As Galin Tihanov maintains, the difficult material realities of exiles such as clandestine migrants only rarely enable them to "somehow effortlessly develop the toolkit of a cosmopolitan" (2015, 154). *Débrouillardise* cosmopolitanism, as manifested in Kanor's novel, is a means of survival, and should not be celebrated as a manifestation of an active cosmopolitan attitude.

Antonio Río TORRES-MURCIANO; México; Universidad Nacional Autónoma de México
"El viaje de Eneas y el viaje de Hernán Cortés"

El objetivo de esta ponencia es mostrar cómo, a partir de Pedro Mártir de Angleria, el viaje que llevó a Hernán Cortés desde Cuba a México se relata reescribiendo reiteradamente la llegada de Eneas a las costas de Cartago. Los libros 1 y 3 de la Eneida de Virgilio procuran un modelo fundamental a la recreación literaria de los comienzos de la conquista que, sobre la base historiográfica suministrada por la Conquista de México de Francisco López de Gómara (Zaragoza, 1552), se desarrolla en los primeros poemas épicos del llamado "ciclo cortesiano", desde el *Carlo famoso* de Luis Zapata (Valencia, 1566) hasta *El peregrino indiano* de Antonio de Saavedra Guzmán (Madrid, 1599), pasando por el *Nuevo Mundo y Conquista* de Francisco de Terrazas (ca. 1580) y por la *Mexicana* de Gabriel Lobo Laso de la Vega (Madrid, 1594).

Arnaldo do ESPÍRITO SANTO; Portugal; Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras; Universidade de Lisboa "Notícia da China na epistolografia do séc. XVII"

A partir do acervo epistológico produzido pelos Jesuítas da missão portuguesa da China, descrevem-se os elementos essenciais da história, da sociedade, da organização política, da

cultura, dos costumes e da mentalidade, que foram transmitidos à Europa e contribuíram para a formação da imagem concreta e objectiva desse imenso território até então, segundo se pensava, mergulhado num isolamento lendário. Em sentido inverso, evidencia-se a translação da Europa para a China de conhecimentos científicos, artísticos e tecnológicos. Dar-se-á especial relevo, como promessa de abertura mútua entre a China e a Europa, ao tratado de Nerchinski, de que foi intermediário e intérprete o Padre Tomás Pereira e ao decreto de tolerância religiosa para com a difusão do cristianismo.

Beatriz COCA MENDEZ; España; Universidad de Valladolid

"Le cosmopolitisme chez Jorge Semprún: reflet de l'esprit critique de l'homme d'action"

Jorge Semprún n'a pas hésité à dire que sa vie a été très romanesque. En effet, son expérience du vécu relève aussi bien du choix personnel que des aléas de l'Histoire du XXe siècle: l'exil, la Résistance et la Déportation. Ces événements imposés ont certainement façonné le portrait de Semprún : en 1936 l'exil, en 1943 la Déportation à Buchenwald, dès 1950 la clandestinité en Espagne et en 1964 la naissance de l'écrivain. Ce parcours est, donc, solidaire des racines identitaires : double appartenance culturelle franco-espagnole et, surtout, sa condition de survivant de l'Holocauste. En ce sens, l'écrivain a toujours affirmé « Je ne suis ni espagnol, ni français, ni écrivain, je suis un ancien déporté de Buchenwald ». Cette appartenance va caractériser et déterminer le discours et l'imaginaire semprunien, car les thèmes qui se faufilent dans son récit vont être caractérisés par la morale de la résistance –voire de la résilience–, l'expression de l'amitié et, notamment, la fraternité. La séparation et l'arrachement vont être contrebalancés, comme le remarque Edgard Morin, par une éthique altruiste dédoublée dans la compréhension de l'autre et la sauvegarde de l'identité personnelle. Entre les deux se dresse, cependant, le regard critique, lien solide et vecteur communiel dans la reliance du nouveau venu, bien que de volet devienne problématique par sa complexité et son hétérogénéité, dont l'enjeu reste solidaire du respect. Or, la défense de la raison et de la liberté reste solidaire du parcours des lieux visités et habités, tout comme du cosmopolitisme qui en découle. De ce point de vue, notre proposition de communication s'intéresse à la cartographie du vécu, la conception de l'exil et l'interrogation sur soi. Nous allons donc analyser ces thèmes dans le roman *Quel beau dimanche !* et, notamment, comment ils vont être incorporés dans le récit au rythme de la narration interrompue et suspendue, au gré des allusions à une cartographie personnelle : Madrid, Genève, La Haye, Paris... ainsi que le Prado ou le musée Mauritshuis, sans négliger des personnages fondamentaux : réels ou inventés, des allusions à des intellectuels de son choix pour relancer la réflexion et, du coup, y engager le lecteur. Enfin, les différentes existences de Jorge Semprún témoignent du rapport conflictuel entre le dialogue de la diversité et la conversation de l'identité.

Celina Maria Rodrigues MARTINS; Portugal; CLEPUL (Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias); Universidade da Madeira

“Utopia e Viagem iniciática em *Le Chercheur d’or* de Le Clézio”

Tendo em conta que a função da utopia é mudar a ordem presente (Ricoeur, 1991), a nossa reflexão comparatista incidirá na leitura do romance *Le Chercheur d’or* (1885) de Jean-Marie Gustave Le Clézio, de modo a sondar como este texto propõe uma realidade alternativa melhor do que o mundo empírico. Analisaremos como Le Clézio concebe a utopia como arma da crítica (Ricoeur, 1991) que implica um processo de ruptura forjador de um mundo harmonioso e libertador, despertando as consciências e abrindo o caminho para novas perspectivas de vida (Morin, 2000). A escrita de Le Clézio elabora o projecto de uma sociedade imaginária ideal que luta contra os flagelos da opressão, no sentido de assumir a responsabilidade por aqueles que não nasceram (Morin, 2000). Na reescrita da Bíblia, Le Clézio encena o paraíso sublimado da infância como a representação edénica de um espaço de liberdade e de felicidade, inscrito na nostalgia das origens. O romancista constrói o paradigma de uma sociedade idealizada em que o narrador enceta uma relação de fraternidade com o Outro – o negro – rompendo com os preconceitos de etnia de uma sociedade colonial e distópica que sucumbe ao consumo, ao lucro, à guerra e ao esquecimento. Para resgatar o tempo da pureza e readquirir a casa da inocência, o narrador realiza uma viagem iniciática na ilha utópica de Rodrigues, em busca do tesouro do Corsário desconhecido, onde aprenderá a despojar-se dos bens materialistas ao instaurar um profundo diálogo cultural com a descendente dos escravos foragidos. Num jogo intertextual, o narrador retoma o percurso mítico de Jasão, em busca do velo de ouro na nave *Argo*, conferindo ao texto os contornos da aventura épica. Como um palimpsesto, o romance polifónico (Bakhtine, 1978) dá voz aos espoliados que desconstroem o valor do ouro ocidental e Chensinam ao narrador os fundamentos do amor, da harmonia primordial e do autoconhecimento numa perspectiva de autenticidade, inscrita numa comunidade que privilegia a fusão de culturas, a comunhão com a natureza e a vida simples. A errância por novos rumos transforma a existência do herói, que se regenera após ter atravessado diferentes provas. O texto de Le Clézio insere-se no projecto utópico que tenta reparar os erros cometidos pelo colonialismo (Dutton, 2003). Considerando que uma sociedade sem utopia estaria morta porque não assenta num modelo prospectivo (Ricoeur, 1991), o romance de Le Clézio renova o género utópico ao concretizar o sonho da celebração do multiculturalismo.

Chantal DHENNIN-LALART; France; Laboratoire HLLI, ULCO, Université de Lille

“L’identité portugaise acquise par l’exil de son armée”

L’acquisition de l’identité portugaise est passée par divers biais mais un des plus importants provient de son héritage de souffrances légué lors de la Première Guerre mondiale quand les soldats de l’armée portugaise (le CEP, le Corps Expéditionnaire Portugais) s’est trouvé abandonné dans le Nord de la France par les politiques de son propre pays en train de changer d’alliance. Alliés des Britanniques et des Français, les Portugais en déroute ont été employés à des tâches de soutien aux soldats du front en attendant leur hypothétique retour au pays. C’est cet investissement, sans reconnaissance de la part de leurs compatriotes englués eux-mêmes dans les troubles sociaux, qui a valu aux hommes de troupe le respect de la part de tous les belligérants du sud-ouest de Lille. Leur citoyenneté portugaise s’est pourtant forgée dans ce marasme identitaire et culturel. Parlant de courage et d’altruisme, les soldats portugais questionnent la singularité d’un gouvernement qui a pu abandonner ses ressortissants avant de les honorer, enfin. Les trois emblèmes de la nation portugaise reconnaissante sont, d’abord, le monastère de Batahla où “le Christ des tranchées” rappelle leur abnégation, ensuite le cimetière de la Bombe où les soldats décédés ont reçu une sépulture digne de leur investissement, et enfin, à Richebourg, le monument aux morts portugais exaltant le sacrifice héroïque d’hommes combattant pour des idéaux de liberté. Dans un monde qui s’est accéléré avec la Grande Guerre et ses transformations techniques, sociétales et économiques, les Portugais du Nord de la France n’ont apporté que leur humanité. Pourtant, en dépit de la pauvreté d’équipement de ces soldats réduits à attendre un sort plus favorable, l’Homme en général est sorti grand de cette catastrophe morale et historique. L’exil subi par le CEP a pour revanche un mécanisme identitaire global pour le monde lusophone.

Cristina ÁLVARES; Portugal; CEHUM, Univeridade do Minho

“À la jonction des seuils île-monde et animal-homme. L’aventure selon Hergé avec Agamben et Sloterdijk”

Nous nous proposons d’articuler les coordonnées d’une réflexion autour de la figure de l’insularité et de ses fonctions dans l’aventure. Il s’agit de penser l’aventure, entendue comme schème narratif se déployant sur une dynamique du passage (dans l’espace : voyage ; dans le temps : transition), dans le cadre du rapport entre île et monde. Nous convoquerons notamment Agamben et Sloterdijk pour considérer que :

a) l’aventure a une portée anthropogénétiques : si l’aventure première et fondamentale est l’homínisation, alors l’aventure produit de l’humain à partir de l’animal ;

b) le devenir-humain est une affaire de domestication de l’être impliquant ce que Sloterdijk appelle, dans sa théorie des sphères ou bulles, l’insulation avec ses modalités d’extension utérine (les couveuses) qui suppléent à la néoténie et tiennent l’environnement à l’écart, en dehors, amortissant son agression et assurant une zone de confort ;

c) les figures insulaires telles que la maison et la famille (espace domestique) présentent une structure de bord entre dedans et dehors, domestique et extatique, espace de paysage et espace géographique, proche et lointain : elles permettent d'approcher le monde sans s'y adapter (avec ses institutions et ses dispositifs symboliques, la culture constitue une île);

d) l'insulation étant la condition de possibilité de l'aventure en tant qu'abord du monde comme dehors inquiétant et étrange, hostile même, extension à parcourir et à maîtriser, encore faut-il que la bulle (l'île) s'ouvre pour que le héros aille vers le monde (dépaysement) ;

e) la figure narrative majeure de cette rupture ou déhiscence est l'exposition (exposition), que celle-ci soit volontaire (Perceval, Robinson, Wonder Woman), involontaire (Édipe, Blancheneige, Superman) ou insaisissable, toujours déjà accompli (Tintin et les héros relevant du modèle tintinesque) ;

e) puisque la participation au monde ne va pas sans la possibilité d'une île et que, par conséquent, l'espace géographique de l'aventure est parsemé d'enclaves insulaires, l'antinomie aventure – matrice/sein (Perceval représentant la portée matricide de l'aventure) doit être comprise au sein d'une double réversibilité ontologique et spatiale concernant respectivement le seuil humain-animal et le seuil île/dedans-monde/dehors ;

f) Produit en tout absence d'insulation, mais voyageant dans des îles lointaines et désertes où il rencontre des proto-humains (Sterckx, L'archipel Tintin), Tintin pousse le dépaysement jusqu'à l'aventure radicale de la lune, l'île absolue. Comble de l'insularité et de l'extériorité, la lune présente dans l'inhabitable de son vide noir l'envers du monde intégralement domestiqué et insularisé (mondialisé).

Cristina SANTOS PINHEIRO; Portugal; Universidade da Madeira, Centro de Estudos Clássicos; Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

“Entre cultura e natura: creanças e costumes relacionados com o parto na obra médica de Rodrigo de Castro Lusitano ”

Rodrigo de Castro Lusitano (Lisboa, c. 1546-Hamburgo, 1627/1629?) foi um dos muitos judeus que nos séculos XV e XVI deixaram o país em busca de paragens mais tolerantes. Médico, formado em Salamanca, instalou-se em Hamburgo onde publicou pelo menos as três obras que dele nos chegaram: um tratado sobre a peste que assolou a cidade (Hamburgo, 1596), um tratado de ética médica (Hamburgo, 1617) e a obra que constitui o objecto de estudo desta pesquisa, um tratado em dois volumes, o primeiro sobre a natureza das mulheres e o segundo sobre as doenças das mulheres (Colónia, Hamburgo, 1603). Neles o “criador da ginecologia portuguesa” - como no século XIX lhe chamou Pedro Dias – per Europam notissimus elabora uma síntese que se apresenta como inovadora e indispensável a médicos e intelectuais. As referências que nesta obra faz aos costumes locais relacionados com a geração humana permitem-nos reconstruir as várias

etapas da sua vida de exilado. Mostram-nos também, com frequência, o olhar crítico do intelectual, formado na tradição hipocrático-galénica, e põem em evidência um dos valores fundamentais da medicina renascentista: a experiência. A partir de uma área tradicionalmente reservada às mulheres, o médico com formação universitária dá-nos uma perspectiva que oscila entre a aprovação e o estranhamento. Neste estudo, analisamos a valorização ou desvalorização que Castro faz deste conhecimento feminino construído na prática e como o relaciona com os textos médicos da Antiguidade. A forma como o ser humano vem ao mundo, frágil e inerme, é um lugar comum nestes textos e mantém-se pelos séculos fora. Cabe ao médico, leitor e conhecedor de um Hipócrates que se redescobre no século XVI, por oposição à parteira e às mulierculae ignorantes, garantir que decorre com segurança.

Dali Youcef Fatima ZOHRA; Algeria; Université de Tlemcen

“Pérégrination dans le monde du savoir: Pour un cosmopolitisme spirituel à travers le temps et l'espace”

Le voyage à la recherche de la spiritualité profonde est une forme de mobilité en quête du savoir que les Musulmans ont de tout temps perpétué entre le VIIème et le XIIIème siècle mais aussi à l'époque de leur présence en Andalousie, au moyen-âge. Dans la tradition soufie – un mode de vie basé sur l'ivresse spirituelle - la recherche du savoir est une obligation ; et si à ce titre qu'on lui confère une place importante dans la vie de l'être humain, c'est bien parce que dans ce monde beaucoup de faits sont à comprendre, à explorer, à analyser, à développer et à éclaircir. La poésie et l'art oratoire étaient deux pratiques qui constituaient l'orgueil des habitants de la péninsule arabique, les Arabes. A côté de cela, ils étaient, en tant que nomades, des observateurs du ciel. Les observations leur permettaient de circuler dans le désert. De même qu'il pouvaient établir les prévisions météorologiques. Ce sont des connaissances qui leur permettaient la survie dans un désert rude et d'une nature sévère. Les délégations de savants accompagnaient les caravanes des voyageurs commerçants, explorateurs et autres. Le voyage en quête du savoir était motivé par l'augmentation des connaissances, la découverte de nouvelles sciences, la vérification de l'authenticité des discours sacrés et les explorations géographiques et ethniques. A l'instar des premiers voyageurs de l'ère musulmane, tous en quête du savoir, ceux de l'époque Andalouse ont fait le chemin inverse : de l'occident (Al Andalous) au moyen orient et au Maghreb. S'agissant de la quête du savoir, le voyage, en tant que mobilité géographique, en est l'élément principal. Il s'inscrit dans une dimension où le processus de déplacement et de circulation sont préconisés comme un mouvement (Haraka) tel que entendu par les Soufis comme Ibn Arabî ou encore Abi Medyen Choib. Plusieurs pôles de rayonnement scientifique ont constitué les destinations privilégiées de savants soufis de la période arabo-andalouse lors des années lumières de l'Islam

en Espagne : Fès, Marrakech, Tlemcen, Bejaia, Tunis etc. Dans le travail que je me propose de présenter, je montrerai comment, à travers la pérégrination d'un grand savant Soufi andalou, celui qui incarne un « Mysticisme universel », en l'occurrence Abi Medyen Choaib (Sidi Boumediène), l'échange, l'acceptation de l'autre et la perpétuation d'un art oratoire, la poésie mystique du voyage, construisent un cosmopolitisme positif. Depuis plus de dix siècles, un patrimoine immatériel, une poésie et un chant soufis, sont conservés dans plusieurs contrées du monde et ce, grâce aux différents périple de ce grand voyageur spirituel qui a été l'un des précurseurs du rayonnement à la fois du savoir et de l'amour absolu au Machraq, au Maghreb et au sud de l'Espagne musulmane.

Dominique CASIMIRO; France; Université d'Artois

“Un poème comme une île : le haïku selon Paulo Leminski, entre Orient et Occident ”

Depuis plus d'un siècle qu'il a commencé de se diffuser en dehors du Japon, le haïku est devenu, au prix d'adaptations diverses par rapport à son modèle originel, une forme poétique internationale extrêmement populaire et productive. Sa vitalité se manifeste ainsi au Brésil –où il est appelé hai-kai–, non plus seulement par la création de courts poèmes inspirés de son modèle japonais, mais aussi et surtout par sa capacité à générer de nouveaux modes de création par association, combinaison ou assimilation avec d'autres formes littéraires comme le roman, le conte, le récit de voyage ou le journal intime, ou avec d'autres moyens d'expression que la littérature comme la musique, les arts plastiques, la photo et la vidéo, les arts du spectacle, ou encore avec des outils scientifiques ou numériques comme les mathématiques ou les réseaux sociaux. La production poétique de Paulo Leminski (1944-1989), que nous souhaitons convoquer durant ce colloque, semble être la plus concernée par ce phénomène : que l'on y retrouve des haïkus répondant aux canons définis par Bashō (1644-1694) ou des poèmes prenant le haïku pour sujet ou des haïkus pour source d'inspiration, ce travail poétique est la confirmation d'une convergence esthétique entre Orient et Occident. Cette proposition de communication se propose donc de réfléchir à cette convergence qui confirme dans l'étonnante fécondité du haïku selon Paulo Leminski. Quelles en sont les raisons ? Est-ce par ses contraintes formelles que le haïku constitue un modèle transposable pour Paulo Leminski dans d'autres formes de création ? Est-ce par la brièveté du haïku qu'il appelle le développement en séries, ou son association avec la prose, ou le complément des autres arts ? Peut-on dire que les autres arts ou moyens d'expression le modifient en tentant de compenser sa brièveté ou n'est-ce pas lui qui contamine ceux-ci et les transforme ? N'est-ce pas aussi par l'état d'esprit, le rapport au monde, voire le mode de vie ou la philosophie qui le sous-tendent qu'il inspire les créateurs ? Y a-t-il une éthique du haïku selon Paulo Leminski? Il s'agira d'abord d'identifier ces formes et de réfléchir à leur rapport avec le haïku en partant non de définitions a priori, mais d'une œuvre qui est censée les représenter. Notre

objectif est que, de cette rencontre entre Orient et Occident puisse sortir une meilleure compréhension de ce paradoxe qui fait que le haïku –qu'on a pu qualifier de « plus petit poème au monde »– est devenu le catalyseur d'une invention de formes sans cesse renouvelées. Enfin, cette communication sera lue en portugais.

Dominique FARIA; Portugal; Universidade dos Açores/CEC – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

“L'identité culturelle du colonisé dans un monde globalisé. Les traductions française et anglaise de *Os cúis de Judas*, d'António Lobo Antunes”

Os Cúis de Judas et *A Costa dos Murmúrios* sont des romans d'auteurs portugais contemporains sur la guerre coloniale portugaise en Afrique. Publiés au Portugal en 1979 et 1988 respectivement, ils ont paru en traduction française en 1983 et 1989. Ces textes ont donc été traduits d'une langue périphérique dans une langue centrale et introduits dans un système culturel plus central que le portugais. Dans un premier moment, je m'attacherai à identifier les intervenants dans le processus de traduction pour déterminer le rôle qu'y ont joué des questions comme le patronage, la tradition de traduction et l'histoire nationale françaises. Dans la seconde partie de cette communication, notre attention portera plutôt sur la façon dont les peuples colonisés et leur culture sont représentés dans ces romans, pour vérifier s'il y a eu une tendance, lors de la traduction, à remplacer des références culturelles étrangères à la civilisation Occidentale par des formes de représentation moins spécifiques.

Elena Meseguer PAÑOS; España; Universidad de Murcia

“Le Chercheur d'or et Alma; un voyage vers le Paradis perdu et l'utopie”

1; La critique a souvent établi deux périodes distinctes dans l'écriture de J.-M. G. Le Clézio. Tout d'abord, une première étape lors de laquelle ses techniques d'écriture le classent d'emblée dans le Nouveau Roman puis une deuxième étape, marquée par la quête de soi, au cours de laquelle il mène une réflexion sur l'être à travers la connaissance des autres. Concrètement, dans les années 80 et 90, cette quête de soi le pousse à entamer un cycle orienté par la recherche de ses origines. Des œuvres telles que *Le Chercheur d'or* (1985), *Voyage à Rodrigues* (1986), ou encore *La Quarantaine* (1995) témoignent de ce désir de retrouver la trace de ses ancêtres et de rendre hommage à son pays natal. En 2017, l'écrivain publie un roman intitulé *Alma* qui vient clore ce cycle mauricien. Chacun de ces récits marquent, d'après Le Clézio, un retour à « une sorte d'âge d'or, de passé mythique » et sont l'occasion d'entreprendre un voyage à l'envers pour mieux vivre à l'avenir. Ici, le voyage géographique équivaut à un voyage dans le temps. Tout au long de notre étude, nous établirons notre réflexion sur deux ouvrages spécifiques ; *Le Chercheur*

d'or et Alma, dans lesquels nous aurons l'occasion de retrouver des thèmes partagés, tels que le paradis perdu ou encore l'utopie. En effet, les romans s'attachent à caractériser un espace du bonheur, le paradis terrestre tel que les personnages se le remémorent. Cependant, ce bonheur ne peut être que fugace puisque par essence, il est toujours ce que l'on est sur le point de perdre ou ce que l'on désire. Or, le désir est insatiable. Par conséquent, vouloir retrouver ce bonheur semble bien illusoire. La quête des protagonistes vise alors un but – inverser le cours du temps, faire revivre les morts – que jamais aucun homme n'a pu réaliser. Nous aurons néanmoins l'occasion de constater que les récits offrent des images de lieux édeniques où les personnages connaissent des moments de bonheur intense. Cette beauté sauvage des éléments naturels suggère alors que le paradis perdu est retrouvé, au moins pour un temps. D'autre part, les romans qui nous occupent n'éluent pas toute faculté de se projeter dans l'avenir, ni toute construction d'un bonheur nouveau, qui ne serait pas le reflet imparfait d'expériences déjà vécues. Nous verrons qu'il y est question d'utopie existentielle qui vise un bonheur simple et primitif mais aussi de l'échec de l'utopie progressiste.

Elisa Gomes da TORRE; Portugal; UTAD |IFFLUP

“Cartas dos Açores de Marion Hartley: o olhar feminino/feminista sobre Ponta Delgada no período da IWW”

A correspondência de Marion Hartley, inglesa, residindo, após a viuvez, no Lyceum Club, em Londres, coligida em livro e publicada em 1931, é um retrato minucioso do impacto do conflito bélico da IWW na sociedade micaelense. A autora que regressava a Inglaterra, após uma permanência por negócios em Nova Iorque, aporta à Ilha de S. Miguel em setembro de 1916, na companhia do marido, pretendo passar nos Açores os meses de inverno e regressar a Inglaterra na primavera. O adensar do conflito armado naval, com ataques a alvos civis, e a proibição de transportes marítimos de passageiros obrigou a que o casal permanecesse em Ponta Delgada até ao final da Grande Guerra, só regressando a Inglaterra em junho de 1919. A obra *Strangers in a Strange Land. Letters from the Azores* (1916-1919) introduz-nos, sobretudo, pelos comentários e descrições de uma mulher instruída e sufragista, no universo dos costumes de Ponta Delgada. Que ela vê transformar-se, de forma abrupta, com a instalação da base naval americana. Os hábitos alteram-se, a cidade abre-se ao dinheiro. O pavoroso poder dos dólares, como ela diz, faz com que a cidade – o sítio mais barato no mundo para se viver, como afirmara das primeiras cartas – inflacione os custos de vida e impulse a produção de bens para prover as tropas americanas. Mais relevantes, ainda, as alterações nos costumes, mormente na condição feminina. A obra é, pois, testemunho de uma transformação social e económica atestada no olhar atento de Marion Hartley, assim como das várias fases do conflito bélico que, por via das relações que a autora

estabelece com os cônsules britânico e americano e com a base naval americana, descreve com pormenor.

Elise GUIGNON; France; CERCLL - Université de Picardie Jules Verne

“Les Lettres de Malaisie de Paul Adam : entre utopie et récit de voyage fin-de-siècle”

Les Lettres de Malaisie de Paul Adam, publiées en 1896, jouent d'emblée sur l'ambiguïté entre fiction et réalité : les « lettres » supposent une forme de réalisme, tandis que le sous-titre de l'œuvre la range du côté du roman. Paul Adam se soumet à la tradition du roman épistolaire du XVIIIe siècle, le narrateur alléguant, dans la préface, que les lettres lui ont effectivement été envoyées ; la situation du voyage, en Malaisie, donne également une crédibilité au récit. Pays existant mais géographiquement très éloigné, il se prête ainsi au récit de voyage parce que quasiment inconnu. Cependant, les lettres du diplomate espagnol qui correspond avec le narrateur laissent vite apparaître la véritable intention de l'auteur : mettre au jour une utopie fouriériste, tournant vite à la dystopie et ayant en réalité plus valeur d'un voyage dans les mœurs et illusions françaises que dans les terres malaises. La prétention de récit de voyage initial livre en fait son véritable visage au fur et à mesure du récit : le récit de voyage est un prétexte à la synthèse des modes politiques, littéraires et idéologiques du XIXe siècle. En cela, il s'apparente à un roman décadent : tout est fait pour que le lecteur ne sache pas « si l'on se fout de lui ou non ! ». Nous nous proposons donc d'étudier le récit de voyage en tant que parodie et que prétexte à la réflexion sur cette fin de siècle.

Encarnación Medina ARJONA; España; Universidad de Jaén

“La correspondance ibéro-américaine adressée à Émile Zola : un rapport nouveau à la littérature”

En 2004 nous avons publié cent lettres inédites adressées à Émile Zola entre 1886 et 1902. Ce corpus, la correspondance ibéro-américaine (Argentine, Brésil, Colombie, Venezuela, Mexique, Cuba, Costa Rica, Équateur, Chili, Pérou, Uruguay, Puerto Rico) n'est point d'un intérêt médiocre. On y trouvera des jugements sur la vie politique, les mœurs, la vie littéraire. Nous y puiserons une analyse d'un nouveau rapport à la littérature, à l'écrivain et à cet ailleurs culturel que représente Paris. Nous essayerons de voir comment le rayonnement littéraire de Zola produit, en retour, une force représentative, pour la première fois, des effets de la littérature de masse et de la valeur d'un public mondial.

Erica ANGLIKER; United Kingdom; Institute of Classical Studies, School of Advanced Study, University of London

“Voyage and Utopias: Homer in the Imagination of Chian and European Travelers in the 16th and 17th Centuries”

Recent research on the reception of the Classical past has changed our view of the Greco-Roman Renaissance by considering the large cultural scenario within which antiquities were re-discovered and the ways in which ruins were used to explain ideas about the past. This paper explores how the antiquities and ruins of Chios were used to build different utopias linked to Homer in the 16th and 17th centuries by European navigators and by the members of Chian society (both peasant and elite). First, I discuss how Chian elites used ancient objects (coins, inscriptions) to confirm the presence of Homer on the island in order to affirm their status as direct descendents of the great poet, who was valued for his wisdom and largely employed on the education of youth. Chians peasants, on the other hand, used the antiquity of Homer to confer value on their property and local products (the “wine of Homer”, for example) without acknowledging his poetic genius or the precise period of his existence. Although Europeans were aware of these traditions, as revealed in their travel narratives, they linked the antiquities to Homer in completely different manners and ones that betrayed concepts about antiquity in their own homelands. Indeed, they identified local ancient ruins as the tomb of Homer, which they turned into an object of pilgrimage and contemplation of the glory and spirit of Renaissance Europe, in which the great poet was a preeminent figure. Europeans likewise associated the ancient sanctuary of Cybele with the school of Homer, and flocked to it in order to render homage to the great poet. In the course of doing so, they produced several maps and drawings of the tomb and of the school of Homer, combining them with images of the poet, which they recovered from ancient coins and Byzantine manuscripts collected in the island. These drawings and maps reached Europe and were subsequently incorporated into Renaissance imagery related to Homer, which made its way into editions of the Iliad and Odyssey.

Fabien GIBAUT; Italy / France; University of Tours/ University of Turin
“Du paradoxe de la Sicile : de l’hermétisme externalisé à l’ouverture sur soi ?”

La dimension insulaire et centrale de la Sicile ne fait pas d’elle un port de transmission ou une terre d’échanges évidente. Entre une pyramide identitaire réduite à des esprits de clochers et aux reliques d’une contre-réforme prohibant les relations avec le pourtour méridional de la méditerranée, la Sicile n’est pas le centre de Mare Nostrum que nous pourrions attendre, malgré la dizaine de peuples externes venus sur ses terres. Une des raisons historiques est que la Sicile a toujours été une terre de convoitises, portant ses habitants non pas à embrasser son rôle de médiateur méditerranéen, mais à collaborer avec le plus offrant : la garantie d’une sécurité qui ne n’implique pas pour autant de prendre part au(x) cosmopolitisme(s) proposé(s) à travers les âges.

Leonardo Sciascia est l’un des plus grands auteurs Sicilien du XXème siècle. Il a toujours utilisé ses écrits pour présenter les beautés et les difficultés de la Sicile, sa terre natale. La majeure partie de ses oeuvres se déroulent donc sur la plus grande île de la méditerranée, mais certaines de ses productions ne sont pas pour autant uniquement focalisées sur la Sicile et la vie locale. Dans son roman *Les oncles de Sicile*, l’auteur présente dans la dernière nouvelle la vie de jeunes Siciliens participant à la guerre d’Espagne. L’un d’eux a pris part à cette campagne militaire dans le but de rencontrer des Américains et partir aux Etats-Unis, pour une nouvelle vie, une vie meilleure. Un autre, le narrateur de cette nouvelle, est transformé à son retour de la guerre. Mais ce ne sont pas les violences ou les actes militaires qui l’ont changé : c’est le voyage, la découverte de nouvelles terres et d’une nouvelle société, pourtant proche géographiquement, culturellement et historiquement. Cet imaginaire de l’Eldorado lointain - métaphore non-avoué d’un paradis mérité après les douleurs d’une terre d’origine maudite - est encore aujourd’hui bien présente chez les jeunes Siciliens. Ils sont encore aujourd’hui en quête d’une destination où tout est possible, sans pour autant toujours avoir les clefs interculturelles pour savoir ce qui les attend “ailleurs”. Terre d’arrivée pour les migrants, terre d’exil pour les jeunes, la Sicile pourrait donc passer à côté de son opportunité d’allier le nord et le sud. L’île est aujourd’hui une sorte de lieu de transit des espérances, où seul ceux qui restent seraient les damnés de cette terre rongée par une criminalité responsable de cette fermeture culturelle. Les grands mouvements migratoires sont l’opportunité de remettre en question l’hermétisme et les idées reçues. Doit-on donc s’attendre à une nouvelle génération de Siciliens plus responsables de leur destin car étroitement et directement lié à la globalisation et l’étranger ? Le journaliste Giuseppe Fava avait écrit les prémisses de cette possible transformation sociale et culturelle en 1983 dans sa revue *I Siciliani*. Des textes souvent provocateurs et durs envers la population locale, jugée trop passive et recluse sur elle-même. Il fut abattu par la mafia en janvier 1984.

Fernando GOMES; Portugal; Universidade de Évora - CEL - Centro de Estudos em Letras
“De la recherche d’identité dans l’altérité nord-africaine dans *The Sheltering Sky* de Paul Bowles”

Dans son premier et le plus connu roman, *The Sheltering Sky*, Paul Bowles reprend, dans la représentation de ses personnages Port et Kit Moresby, un trait de la personnalité du Professeur, le protagoniste de « A Distant Episode » qui se déplace au Sahara pour enquêter sur les dialectes mais finit par perdre irrémédiablement son identité parce qu’il est incapable de communiquer ou, mieux, il est inapte à la communication avec l’altérité physique et humaine de l’Afrique du Nord. Interrogé sur cette similitude, Bowles répond que tous ses personnages sont le Professeur et nous fournit des informations sur son projet narratif : «What I mean is what I wanted to tell was the story of what the desert can do to us. That was all. The desert is the protagonist » (54). Dans notre

lecture de *The Sheltering Sky* il importe de dénouer la recherche d'identité de l'Occidental, au départ affaibli par des questions existentielles, dans son voyage à travers l'altérité du Maghreb. Ainsi, on analysera la confrontation avec l'altérité spatiale et certaines formes d'interaction avec l'« autre » afin de s'interroger si dans la perception bowlesienne, la confrontation occidentale avec l'altérité résulte ou non en une inévitable perte d'identité.

Francisco OLIVEIRA ; Portugal ; Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra; Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra

“Viagens na *História Natural* de Plínio o Antigo”

Serão analisados textos da *História Natural* referentes à problemática das viagens em diferentes perspetivas: científica, cultural, económica, etnográfica, filosófica, geográfica, turística, utópica.

Françoise RICHER-ROSSI; France; Université Paris Diderot - Paris 7

“Alfonso de Ulloa (1529 ? – 1570), un polygraphe espagnol entre identités et conflits dans la cosmopolite Cité des doges ”

Alfonso de Ulloa a vécu dans la République de Venise de son adolescence à sa mort survenue à 40 ans, en prison, la lettre d'intervention en grâce du roi d'Espagne, Philippe II, étant arrivée trop tard par un malheureux concours de circonstances. Du fait de sa nationalité, Alfonso de Ulloa a d'abord révisé les éditions d'originaux en langue espagnole, puis il s'est parfaitement intégré au point d'écrire aussi bien en italien qu'en espagnol. Biographe, entres autres de l'empereur Charles Quint, auteur de Commentaires sur les guerres menées au nord et au sud, traducteur, le polygraphe espagnol a fait dialoguer les deux péninsules qui se font pendant en Méditerranée à une époque charnière pendant laquelle le pouvoir espagnol n'a cessé de se propager, et, avec lui, le castillan. Pendant une vingtaine d'années, Alfonso de Ulloa s'est employé à réhabiliter une identité espagnole raillée aussi bien dans les Relations des ambassadeurs vénitiens que dans les récits de voyages, notamment celui de l'Italien Girolamo Benzoni, ou la compilation de Giambattista Ramusio. Avec constance, il a expliqué et justifié la politique espagnole dans ses ouvrages. Mais comment concilier la volonté de servir le roi d'Espagne et le souci de plaire aux autorités de la Sérénissime, jalouses de leur indépendance ? Cité libre et cosmopolite, tolérante, Venise n'est pas une ville espagnole comme Naples dont les vice-rois exécutent les ordres venus de Castille ; elle n'est pas acquise à l'Espagne comme Milan ou, dans une moindre mesure, Gênes. Dans cet environnement plutôt hostile aux Espagnols, Alfonso de Ulloa œuvre pour une transmission culturelle entre l'Espagne et Venise. Loin d'un simple thuriféraire de son pays d'origine, il saisit opportunément les occasions d'agir en

médiateur entre les deux États. S'il ne fait aucun doute que son cœur penche du côté espagnol, l'auteur n'en néglige pas pour autant les contingences diplomatiques, politiques et économiques de ces temps troublés, ménageant ainsi les autorités vénitiennes. Passeur culturel doublé d'un pédagogue et d'un diplomate habile à manœuvrer entre deux États fiers de leurs prérogatives, il s'intéresse tout autant à l'actualité qu'au passé et fait preuve à la fois d'académisme et de modernité. C'est un personnage assez significatif de son temps dans l'écriture et les idées, mais aussi original par ses conditions d'existence et ce qui en découle dans ses choix.

Galin TIHANOV (PhD, Sofia; DPhil, Oxon); George Steiner Professor of Comparative Literature. United Kingdom; Queen Mary University of London

"Two Types of Cosmopolitanism"

Ever since Diogenes, banished from his home town of Sinope, referred to himself as “a citizen of the World” cosmopolitanism, while evading a precise definition, has been understood as a belief in the need to recognise the dignity and rights of people across borders, cultures and communities. To be a cosmopolitan is not only to declare a belonging to the world, but to belong to it in a particular way: through acknowledging, appreciating, and indeed embracing difference. Cosmopolitanism begins by recognising a shared human nature, but only comes into its own when also recognising cultural difference: we can truly respect our fellow human beings when we learn to see them both as equal to us (in their humanness) and different from us (because of their culture, background, customs and traditions). In this paper, I examine various definitions of this powerful discourse in order to arrive at a new, original understanding grounded in a differentiation between two fundamentally different types of cosmopolitanism.

Georges A. BERTRAND; chercheur indépendant, rattaché à l'Académie de Limoges;

“La presqu'île de Luang Prabang. Etude d'une micro-société traditionnelle en milieu touristique”

Depuis que la petite ville de Luang Prabang, dans le nord du Laos, a été classée au « Patrimoine mondial de l'Humanité » par l'Unesco en 1995, les équilibres sociaux, déjà fragilisés par la colonisation française, puis par les diverses guerres de la Seconde moitié du XXe siècle, ont été soumis à rude épreuve avec l'arrivée de nombreux touristes occidentaux et/ou asiatiques (chinois et coréens principalement). Après avoir rapidement évoqué l'histoire récente de la ville et de sa population, nous essaierons d'aborder plusieurs thèmes dont les attendus peuvent s'appliquer à de très nombreux autres groupes humains dans le monde, placés dans la même situation.

1 – Les structures traditionnelles de la société laotienne : l’urbanisme (rues, bâtiments civils, religieux et commerciaux) qui permet de comprendre l’organisation d’une communauté circonscrite dans l’espace.

2 – Les bouleversements induits par la « modernisation » des échanges : le changement d’usage des habitations dû au tourisme, le bouleversement des structures sociales, conséquence à la fois des directives gouvernementales, et de la « nécessaire » adaptation des habitants à la présence continue, et toujours « de passage » d’une population extérieure dont le regard a changé le propre regard des autochtones les uns sur les autres.

3 – Les moyens envisagés par les Laotiens pour s’accommoder de cette modernisation tout en essayant de garder (ou retrouver) une certaine identité. Nous évoquerons pour cela une adaptation qui se fait en « ordre dispersé », chaque individu agissant (ou réagissant) selon sa propre histoire culturelle, ses origines sociales, sa personnalité. Coexistent ainsi plusieurs modus vivendi mêlant « occidentalisation » de certains comportements et maintien des traditions, sociales ou religieuses, dans un double mouvement : à la fois, la mise en scène « touristique » des fêtes qui rythment l’année bouddhiste (et qui sont sources de revenus) et l’attachement « hors tourisme » aux traditions familiales et aux fêtes qui les ponctuent, elles, sans aucun regard étranger. Nous essaierons, enfin, de nous intéresser, dans ce cadre, aux diverses relations entre le touriste et l’autochtone.

Gilberta GOLINELLI; Italy; University of Bologna

“Women’s Contribution to Early Modern Utopian Speculations on the “New World”: Oroonoko and The Widow Ranter by Aphra Behn”

Literature on the ‘new world’ and its complex interconnection with utopian writing of the early modern age unveils the deep intertextuality existing between travel literature and the important role played by the New World in the European imagination as ‘ideal’ space in which to experiment with various forms of government, project repressed fantasies and desires and locate utopian communities. The ‘New World’, as utopian scholars have emphasized, represented a real space where new forms of societies could be experimented and established in the hope of, and the longing for, a new and better life. Moving from the recent debates on this topic, my essay aims to interrogate women’s approach to this type of literature and their use of the “New World” as possible space for women’s empowerment and agency. In particular, I intend to explore how Aphra Behn employs the English colonies (Surinam in Oroonoko, 1688, and Virginia in The Widow Ranter, 1689, and the “utopian” geography of distant lands described in the utopian and travel literature of her time to delve into historical and political events - from which women were excluded - and to claim recognition as writer and Subject despite the limitations imposed upon women.

Gregorio Rodríguez HERRERA; Espanha; IATEX. Universidad de Las Palmas de Gran Canaria

“La tradición clásica como recurso glocalizador en los poetas canarios del Grupo de los Noventa”

Los poetas canarios del Grupo de los Noventa presentan una poesía calidoscópica en la que la tradición clásica es uno de los elementos que sustentan su armazón poético, tanto formal como temático. La presencia de la tradición clásica tiene, además, entre sus objetivos que su poesía trascienda lo periférico, tanto geográfica como poéticamente, para a partir de lo local ofrecer una poesía de corte universal. En este trabajo mostraremos cómo estos poetas, especialmente Pedro Flores, Tina Suárez y Federico J. Silva, superan el cosmopolitismo tópico de Canarias, para alcanzar un estatus glocalizador a través de la tradición clásica, en tanto elemento vertebrador del pensamiento europeo.

Helena Carvalho BUESCU; Portugal; CEC – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

“Europa *sub specie* comparatista: cosmopolitismo e o vernacular”

A interrogação da ideia de Europa tem conhecido várias aporias nas últimas décadas, fundamentalmente derivadas da infeliz coincidência entre uma reflexão crítica sobre ela e a ideia de eurocentrismo. O meu propósito é, ao argumentar a não-coincidência entre os dois conceitos, mostrar o significado que o diálogo entre o cosmopolita e o vernacular tem para uma nova e necessária interrogação da Europa enquanto conceito cultural, no sentido mais amplo da palavra.

Inês Tadeu FG; Portugal; FAH - DLLC/ Universidade da Madeira

“The inescapable transatlantic flights of fancy of the (young) woman-as-witch-heroine”

The broken-hearted heiress Beatrice Desmond undertakes a voyage to New England and ends up in Salem where she starts a new life under an assumed identity. Little Alice Campbell travels with her grandmother, Mistress Elsie Campbell, all the way from Scotland to Salem, to avoid sharing in the same fate as her late mother. Allison and Ida Beresford, two orphan sisters, cross the Atlantic to be taken in by their uncle Ebenezer Fairfax, the only surviving relative on their mother’s side, who lives in Salem. Baby orphan Dorothy Grey, her aunt Martha Holden and her uncle David Holden escape persecution and find asylum in Salem, where she grows up harbouring an unsettling longing to return to “merry old” England. What then brings these

travelling girl characters together? In our paper we would like to answer this query by elaborating on the following notions:

1. Though these girls “travel” in different Romantic historicals, authored by different lesser-known nineteenth-century women writers, they all share the same destination, and their love stories unfold within the same temporal and historical setting: early modern Salem Village and Salem Town, around or during the Salem witch trials of 1692.

2. None of these young women is historical depictions of any of the accused woman-as-witches of Salem. But they are (re)created and (re)presented as witch-heroines.

3. Their less than successful transatlantic escape to the New England, in the medial of literature, illustrates the inescapability and range of the (trans)cultural memory of the woman-as-witch of Old England, both in seventeenth- and nineteenth-century American culture.

Isaac David Cremades CANO; España; Universidad de Murcia

“Les personnages-migrants de Gisèle Pineau et leur parcours vers l’universel ”

I; L’idiosyncrasie de la recherche identitaire chez les auteurs des Antilles françaises semble se dissiper, en quelque sorte, dans le manifeste *Pour une littérature monde en français* (2007). En effet, si la Négritude leur proposait un retour impossible aux lointaines origines uniques et africaines, ces écrivains ont dû se redéfinir eux-mêmes dans la différence; tout d’abord par rapport à la France et la Francophonie, ensuite face aux auteurs d’origine africaine et, enfin, même face aux autres îles caribéennes ne partageant pas une histoire postcoloniale commune (antillanité, créolité). En conséquence, le développement de leur discours identitaire dévoile leur nature diverse ; une culture kaléidoscopique qui, d’ailleurs, ne fait que marquer le point de départ d’une esthétique originale basée sur la relation. L’œuvre de l’écrivaine d’origine guadeloupéenne Gisèle Pineau peut s’inscrire donc dans cette « littérature monde », dans la mesure où cette identité plurielle devient sa source d’inspiration essentielle. Elle appartient à une nouvelle génération d’écrivains qui cultivent, tout comme les écrivains francophones contemporains d’origine africaine : « un nouvel espace identitaire dont les frontières font éclater les cadres ordinaires » (Chevrier, 2004). Ses récits semblent dépasser cette aliénation surgie d’un antan colonial et esclavagiste, qui imposait la langue française et la culture européenne ; une modernité méprisant les traditions créoles et s’opposant à la culture de tradition orale. Même si ses personnages n’oublient pas ce passé plus ou moins récent, ils en évoquent ses conséquences dans le monde actuel. De cette manière, ses personnages principaux apparaissent toujours confrontés à un ici-là (Ionescu, 2007), tantôt physique que psychologique, qui plonge leurs vies dans un entre-deux perpétuel. Étant la migrance un trait qui les caractérise, certainement dans leur errance éternelle entre la terre d’origine et l’ancienne métropole, la France devient un nouvel espace d’échanges et de dialogue interculturel. Nous proposons ainsi de dépasser l’analyse des confrontations entre ces deux

mondes, pour étudier plutôt le parcours de ces migrants vers l’universel. En fait, le processus d’enracinement vécu par les héroïnes de ses récits pour la jeunesse (*L’odyssée d’Alizée, Un papillon dans la cité, L’Exile selon Julia*), nous permet d’étudier cette vision particulière de la terre d’accueil liée, d’ailleurs, à l’idéalisée parallèle de l’île d’origine. Ainsi, les distances et le va-et-vient prennent des dimensions remarquables chez ces personnages et impliquent le développement d’une perspective particulière de l’accueil, d’un côté et de l’autre de l’océan. Ce qui nous permet finalement de réfléchir au-delà, autour d’autres formes de mixité spécifiques, liées tant à leurs propres origines qu’à leur lieu de destination.

Jean PAGE; Portugal; U. of Lisbon Centre for English Studies

“A 1950s Re-Imagining of the Seventeenth-Century Search for Terra Australis: James McAuley’s *Captain Quiros* (1964)”

In 1960 Australian poet James McAuley completed an unlikely modern epic re-imagining two late-Renaissance voyages of exploration between 1695 and 1605 westward across the Pacific in search for the fabled Terra Australis. They were headed by the Portuguese navigator Pedro Fernandes de Quiros for the Spanish Crown. McAuley’s reflection on history was driven by a contemporary preoccupation with identity arising in an arguably western nation situated in what was seen as the antipodes, the periphery of the western world. The epic departs from the customary trope of Anglo-Saxon discovery (James Cook) to draw on a Hakluyt geographical society English translation of the Spanish chronicle of Quiros’ little known voyages. In it McAuley displays an ekphrastic zest in the representation of maps. The paper focusses upon the representation of Quiros’ encounter in Part I during the first 1695 voyage with the seemingly utopian “New World” community in an island of what is now the Solomon Islands. In counterpart it also addresses Quiros’ later death-bed vision of futurity in Panama in 1614 before the failed third expedition. I examine how McAuley, a recent convert to Catholicism, a minority faith in Australia at the time, uses Quiros as mask for exploring the utopian projections of the lay Franciscan Quiros in his encounter with the New World, including in a theological dialogue on Christian readings about the millenarian. The death-bed vision adds new material to the original seventeenth-century chronicle in its apocalyptic panorama of global pre-colonial and Australian colonial history until the time of its writing, drawing from the author’s vision of mid-twentieth century European history, the horrors of World War II and also the cold war. I examine how in Quiros’ death-bed vision an implied author meditates upon how nature might lend an ameliorating influence upon a nation which began both in “exile” and in troubled relations with the Other. I draw upon post-colonial readings including on the poetics of space.

Jean-Marie KOUAKOU; Côte d’Ivoire; Université Félix Houphouët-Boigny

“De l'île (Maurice) au monde : Cercle, Perfection et Cosmos chez Le Clézio”

L'île Maurice, lieu de l'enfance leclézienne et des origines familiales de cet auteur (il y a 300 ans environ), occupe une place particulière dans une grande partie de l'œuvre. La famille a dû en effet s'exiler depuis plus de près de 2 siècles à Paris et/ou à Nice mais ses ultimes survivants gardent une mémoire des lieux quasi intacte. Ce n'est pas seulement que de la nostalgie; c'est surtout que, du point de vue de Le Clézio, un symbolisme fort peut être accolé à l'image de l'île que son dernier roman illustre assez bien: Alma décrit le retour de Jérémie motivé par la recherche anthropologique d'une pierre ronde avalée puis pondue par un drôle d'oiseau, le Dodo à l'époque de son père y vivant encore. La pierre assimilable à l'œuf invite au symbole de l'œuf-naissance du monde, à l'image du cercle et de la perfection. L'ensemble symbolique explique et justifie comment et pourquoi Le Clézio, éternel voyageur, nomade surtout, recherche dans le monde qu'il visite les traces du cosmos originel synonyme d'harmonie (Luc Ferry) et de Beauté. Ce retour en cercle de l'œuvre me paraît pertinent à étudier de ce point de vue. J'en ferai l'objet et le centre de ma communication.

Jean-Yves PUYO; France; Laboratoire PASSAGES (UMR CNRS 5319°, Université de Pau et des Pays de l'Adour

“Îles et cryptarchies éphémères : l'épisode pathétique de Port-Breton”
(1879-1883)

Dans la lignée des indépendances sud-américaines, le XIXe siècle fut très riche en contestations territoriales de toutes sortes. En effet, la formation territoriale des nouveaux États ne cessa d'animer les chancelleries, en favorisant même l'émergence de quelques cryptarchie éphémères dans des entre-deux à la possession non encore reconnue « officiellement » par la communauté internationale. Néologisme créé en 1997 par Bruno Fuligni, une cryptarchie ne caractérise pas une contrée imaginaire, « une utopie sans réalité géographique », mais un territoire présentant un début d'organisation étatique, « [...] des institutions souvent réglées par écrit, une monnaie parfois, des personnages en charge de responsabilités déterminées ». Notre communication se propose d'analyser ici l'épisode funeste de Port-Breton, emblématique à notre sens de ces épisodes combinant utopie - ici, la création d'une « colonie libre catholique » -, cryptarchie avec un chef d'État autoproclamé, Charles-Bonaventure-Marie du Breil, marquis de Rays, mais aussi escroquerie, de tout accompagnées de la disparition tragique et express de près de 150 de colons français sur les 570 envoyés peupler une île de l'archipel Bismarck (relevant de la Papouasie-Nouvelle-Guinée), la Nouvelle Bretagne : le paradis tropical espéré s'avéra dans les faits un véritable « enfer vert » pour ses nouveaux habitants. Le mirage des îles exotiques avait encore frappé... Jugé par la suite, le marquis de Rays fut l'objet d'une clémence qui laisse

songeur, écopant au final, en tout et pour tout, d'une amende de 3000 francs alors qu'il aurait levé près de 9 millions de francs auprès de plus de 20 000 souscripteurs (floués mais vivants...). À noter enfin que cet épisode funeste aurait inspiré par la suite Alphonse Daudet pour son roman intitulé Port-Tarascon, dernières aventures de Tartarin (Ernest Flammarion, 1890).

João Emanuel DIOGO; Portugal; CECH, University of Coimbra

“From the world to the island... and back: utopia and us”

The term utopia is an equivocal term. Nowadays it is used in the conversation in an indiscriminate way. The use of the word is so dubious that experts cannot understand its definition or taxonomy. Thus, after examining some examples of the use of the word utopia, we want to re-read the main features of Thomas More's founding work. In this sense, we will emphasize the geographic-political aspects (the island closed to the outside, initiated by the conquest, artificially separated from the others), the question of architecture and space as social control, where to standardize is the word of order, and as this relationship with space implies that all space is polis, city: there is no place to not feel at home, and so the private disappears, because it is always in the public space. Also, personal needs disappear, to give place to the needs of the state, shaping the individual to achieve the happiness of the state. In each of these aspects, we find some connections with the present, showing at the same time a proximity and a distance. But despite this closeness, is it possible to think of the contemporary world from the utopia? We will try to answer this question in the final part of the communication.; utopia; João Emanuel Diogo é licenciado em Filosofia e investigador no Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

João Miguel Correia GONÇALVES; Portugal; Universidade da Madeira - Departamento de Arte e Design

“O lugar insular e a urgência de significado”

Considere-se como 'significado', o reconhecimento daquilo que alguma coisa implica, e da sua importância, para lá da realidade concreta da coisa em si. Considere-se agora como 'ilha' um lugar com um sistema de referências próprias, onde a possibilidade de significar é constantemente posta em causa, e por isso intensificada, por força tanto da necessidade como da dificuldade de quem aí se encontra, em se relacionar com o que está para lá dos limites físicos do próprio lugar. Partindo destas duas definições, a comunicação aqui apresentada, tem como primeiro objectivo o de estabelecer uma ligação entre o lugar insular e a urgência de processos de significação. Como segundo, o de propor que essa ligação pode ser entendida como modelo, a partir do qual podemos pensar sobre alguns dos problemas centrais do campo da arte

contemporânea, nomeadamente sobre a tarefa, aceite de forma polémica, de veicular e produzir significados. De forma mais específica, a comunicação aborda a necessidade de encontrar transcendentais alternativos aos oferecidos pelos sistemas de legitimação da arte, demasiado fechados na sua maioria, que nos permitam definir linhas de um inquérito artístico comprometido com a realidade atual e com os seus desafios locais e globais. Aborda igualmente a erosão de coordenadas culturais estáveis, acentuada em situações de públicos flutuantes, e o consequente enfraquecimento das condições de legibilidade de significados. Preparada à volta de questões levantadas no seio de uma prática artística e pedagógica, com recurso a fontes literárias, filosóficas, da História e da Teoria de Arte, a apresentação conclui não só com uma defesa da potencialidade de contextos insulares para a reformulação do pensamento artístico contemporâneo, com também, a partir daí, com uma defesa da potencialidade que tais contextos representam para uma muito aguardada reforma do ensino das artes.

Joaquim José Sanches PINHEIRO; Portugal; Universidade da Madeira/Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos – Universidade de Coimbra

"Entre Atenas e Roma: a identidade greco-latina em Plutarco"

Para o debate sobre a identidade no Período Imperial e na Segunda Sofística, as Vidas e os Tratados Morais de Plutarco desempenham um papel fundamental. Por se concentrarem na produção literária personagens de épocas distintas, trata-se de um tema complexo, até pela facto de as fronteiras entre povos e culturas serem cada vez mais difusas. Como Plutarco (re)define a identidade do cidadão do Império, num espaço alargado de diálogo cultural, feito de diferenças e semelhanças, é o tema do nosso trabalho.

Joaquim MACHADO de ARAÚJO & Alberto Filipe ARAÚJO; Joaquim Machado de Araújo - Faculdade de Educação e Psicologia, Universidade Católica Portuguesa (Porto) & Alberto Filipe Araújo - Instituto de Educação - Universidade do Minho (Braga)

"*In umbilico terrae sita*: o território utopiano e a nova territorialização epistemológica"

Enquanto imaginação do social, a utopia pensa o social, problematiza a ordem instituída, preocupa-se com a formação do homem e descreve novos modos de pensar e fazer que convida à renovação da sociedade e da formação do cidadão. Esta comunicação faz parte de um estudo que visa identificar o processo de desterritorialização e territorialização conceitual e o novo continente epistemológico que a Utopia contém, recorrendo à hermenêutica simbólica e a uma perspectiva de abordagem que privilegia a harmonia de contrários ou dualidade contraditória, miticamente personificada pelas figuras de Jano e de Hermes. Nesta comunicação, procedemos a uma leitura simbólica da Utopia de Tomás More e caracterizamos a ilha do mesmo nome como expressão do

mito e utopia da Cidade ideal, onde se realiza a *humanitas* nas dimensões moral e social. Mapeando os tipos de viagem presentes na narrativa, analisamos como a deslocação geográfica dá lugar à viagem analítica e crítica da sociedade e da sua organização e como o autor constrói um mundo outro, onde se torna possível uma sociedade com referenciais opostos aos referenciais que vigoram na ordem social do seu tempo. Identifica ainda a caminhada civilizacional dos habitantes da ilha e aponta os referenciais para a caminhada interior necessária para a sustentação da transformação social. Considerando que a viagem utópica é questionada por Tomás More quando coloca a dúvida sobre as dimensões da ponte que liga as margens do rio, sugerindo assim o enigma da ponte que ligaria o continente e a ilha que resulta do corte do istmo e do seu afastamento do continente, o nosso estudo hermenêutico visa identificar no texto utópico a resposta do autor ao enigma que ele próprio coloca e o lugar que ele mesmo reserva para a utopia social e para a utopia educativa que vertebra a melhor das repúblicas. O estudo realça, assim, o carácter inspirador da utopia, reforça uma leitura da política como arte da navegação onde jogam importante papel o conhecimento, a vontade, a prudência e a deliberação.

Jorge BASTOS da SILVA; Portugal; Universidade do Porto / Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa

"A Very Cosmopolitan Nowhere: The Establishment of the Semantic Range of "Utopia" through Translation in the Modern Period"

Thomas More's Utopia was published in Latin and in no less than six vernacular translations in the course of the sixteenth and the first half of the seventeenth centuries: German, Italian, French, English, Dutch and Spanish. The present paper will consider relevant features of Utopia as a book (More's "libellus uere aureus", as it is perhaps half-mockingly described), namely the information inscribed on title pages in several languages. The paper will focus on the question of canonization, attempting to describe the process through which, regardless of More's presumable intentions, the word "Utopia" came to bear a wide range of meanings: it is the name of a particular island, it implies the realization of a better situation than our own, it denounces unreal and/or unrealistic social arrangements, it refers to a literary genre, etc.

José Cândido de Oliveira MARTINS; Portugal; Universidade Católica Portuguesa

"Maria Ondina Braga: viagem, migração e errância cosmopolita"

A escrita de Maria Ondina Braga é indissociável das suas diversas viagens e migrações pelo mundo – da Europa (França e Inglaterra) aos territórios de África e do Oriente (Macau e China). Originária de uma cidade portuguesa conservadora e provinciana, a sua poética ficcional ostenta sobretudo o apelo do desconhecido e a atração pelo diálogo intercultural com o Outro.

Essa errância geográfica fecundou manifestamente uma obra singular, que se alimenta das múltiplas experiências e memórias, numa escrita aparentemente diarística e sobretudo genologicamente híbrida, configurando uma singular autobiografia ficcional. Esta marca singular da prosa memorialística e fragmentada da autora é particularmente visível nas obras "Estátua de Sal", "Passagem do Cabo" e "Vidas Vencidas".

José Carlos CALAZANS; Portugal; Centro de Filosofia das Ciências (FCL), História e Filosofia das Tradições Científicas Europeias, Universidade de Lisboa

"A Ilha: Repositório da Memória e da Techné (τέχνη)"

A "memória da ilha" e o "regresso à ilha" são objectos que ultrapassam a literatura de viagens e que entram na complexidade dos sistemas do pensar e da ciência, quer pela construção da memória *in illo tempore* como pela via da *techné*. Pensar a "ilha" é ainda uma forma de perpetuar o que de melhor a civilização conseguiu, tentando preservar as aquisições de modo que fujam ao que nomeamos como "leis newtonianas", fora da acção do desgaste do espaço e do tempo. Os romances filosóficos sobre as "ilhas encantadas", são precisamente isso, a tentativa de preservar a perfeição social e científica, pela invenção de uma realidade que pode nunca ter existido, no estrito senso de uma física clássica. A "ilha" é, portanto, além de um repositório da memória filosófica e social, um laboratório extratemporal da *techné*, um lugar onde fora do tempo o viajante, desafiando as leis prevaletentes do paradigma actual, subverte a história e a própria filosofia, tornando-se num agente das ideias e das reformas, num elo onírico e simbólico com um futuro messiânico. Bachelard definia essa duração temporal baseada na experiência vivida através de espaços arquitectónicos em seus contextos naturais. Espaços inventados, mas ainda assim existentes, quântica e não linearmente existentes.

Juan María GÓMEZ; España; Departamento de Ciencias de la Antigüedad de la Universidad de Extremadura

"Da Madeira para o mundo: elogios ao gramático madeirense Manuel Álvares na Europa Central na época do Iluminismo "

Como é sabido, o nome de Manuel Álvares, jesuíta nascido no Funchal (Madeira), alcançou uma significativa projecção internacional com a adopção da sua Gramática pelos Colégios da Companhia de Jesus, logo após a sua publicação (Lisboa, 1572). A sua obra conheceu, até aos dias de hoje, mais de 650 edições – totais ou parciais -, desde o México ao Japão. E, como sucede com as grandes figuras e respectivas obras, a sua Gramática foi objecto de críticas, mas também de importantes elogios. Neste trabalho, pretendemos trazer à luz alguns dos elogios que o jesuíta hispano-italiano do século XVIII Jerónimo Lagomarsini fez do também jesuíta Manuel Álvares e da sua Gramática latina; elogios e defesa que surgem no contexto das

contínuas diatribes entre jesuítas e racionalistas ilustrados em relação a sistemas e métodos de ensino; elogios nos quais se encontra presente a pátria e o local de nascimento (Madeira) de Manuel Álvares por oposição a algumas críticas que se vertiam sobre a sua gramática, que deixavam entrever um certo sentimento de desprezo pelos autores nascidos em lugares periféricos, distanciados dos núcleos culturais europeus.

José María MAESTRE MAESTRE (Universidad de Cádiz) "Intereses políticos en la poesía latina sobre el Descubrimiento de América

Khalil BABA; Maroc; Faculté Polydisciplinaire d'Errachidia Maroc; Université Moulay Ismail de Meknès

"Ibn Battûta : sur les traces du premier ethnographe et cosmopolite"

Enseignant-chercheur; Ibn Battûta (1304-1377) est certainement l'un des plus grands voyageurs de l'Histoire, il a parcouru en 30 ans environ 120.000 km, soit 3 fois le tour de la planète, dépassant ainsi tous les autres explorateurs de son époque. Ibn Battûta, appelé aussi « voyageur du siècle », a traversé 44 pays et a rapporté une fabuleuse documentation sur des pays encore inconnus. Des périple qui l'ont conduit, au XIV^e siècle, de Tombouctou jusqu'en Chine actuelle en passant par les steppes de la Volga ou encore les Iles Maldives où il sera tour à tour Cadi, ambassadeur ou simple observateur à l'œil avisé. Aujourd'hui sa contribution, inestimable, dans les domaines de la littérature de voyage et de la géographie est reconnue à travers le monde. Spécialiste du monde musulman du Moyen Âge, Ibn Battûta décrit dans ses récits les us et coutumes des peuples qu'il rencontre mais également l'ensemble des pouvoirs qui gouvernent ses régions durant cette période, donnant un aperçu assez complet sur la grande diversité des mondes oriental et occidental de l'époque. Ses chroniques sont particulièrement intéressantes pour le lecteur, elles fourmillent de détails, d'anecdotes, d'histoires qui offrent d'importantes connaissances sociologiques, coutumières ou historiques aux chercheurs d'aujourd'hui. Ibn Battûta a façonné ce fameux voyage sous forme d'un récit qu'il intitula Riḥla (Le Grand Voyage). Par l'ampleur du champ parcouru et les qualités du récit, ce dernier constitue une des œuvres importantes de la littérature universelle qui ne sera connue en Europe que vers le milieu du XIX^e siècle grâce à l'édition bilingue de Défrémery et Sanguinetti, que les éditions Anthropos réimpriment aujourd'hui. L'œuvre ne fût consignée que lorsqu'Ibn Battûta retourna au Maroc, son pays natal, au début des années 1350. Dans cette communication nous essayerons de faire des éclairages sur certains aspects des périple de cette personnalité légendaire exceptionnelle, tels que sa dimension cosmopolite et interculturelle ; son mérite ; l'intérêt et la valeur de ses voyages ; son influence sur les écrivains et chercheurs ; l'apport de son œuvre, très peu connue en

Occident, à la littérature universelle ; son importance ethnologique ; sa contribution au développement des connaissances géographiques et incidemment historique ; etc.

Lambert BARTHÉLÉMY; France; Université de Poitiers

“Récits nomades : Quelques remarques sur l’imaginaire du voyage dans la fiction contemporaine”

Dans cette communication, je souhaiterais éclairer ce qu’est devenu l’imaginaire du voyage dans la fiction contemporaine. Pour cela, je propose de considérer quelques points de rapprochement possibles entre les textes de Jean Rolin, ceux d’Andrzej Stasiuk (Sur la route de Babadag), Vassili Golovanov (Éloge des voyages insensés), W. T. Vollmann (Le Grand partout) et W. G. Sebald (Les Anneaux de Saturne), tous parus au cours des deux dernières décennies. J’interrogerai quelques opérateurs majeurs de ces écritures itinérantes contemporaines, chercherai à déterminer, au fond, ce que déclenche l’itinérance – soit un mode singulier d’accès au et de consignation du réel. Le premier de ces opérateurs tient dans une approche phénoménale du monde (perception), qui insiste sur le mineur, le marginal ou le délaissé, sur ce que l’on peut, avec Gilles Clément, appeler « Tiers-paysage » ; le deuxième dans une saisie mémorielle des espaces (investigation), où s’articulent en général, tant bien que mal, souci individuel et destin collectif ; le troisième dans l’orchestration de communautés narratives éphémères, mais essentielles pour la transmission du savoir des lieux (comparution, délégation) ; le quatrième dans l’usage de formes d’écriture mixtes (hybridation), qui touchent, entre autres choses, à la partition canonique du factuel et du fabulé, et s’efforcent de restituer les complexités, les multiplicités, voire les turbidités qui tissent toute expérience du réel ; le cinquième, enfin, tient dans le bricolage herméneutique (sélection, interprétation) par lequel se voient comblées, du moins pour un temps, les attentes de sens, sans qu’il soit véritablement possible d’assigner de sens, unique, au périple. La téléologie qui informe l’imaginaire du voyage est ainsi prise au piège dans ces récits dromomanes, qui permettent d’entendre, sans nécessairement les mettre en ordre, les voix du monde et des hommes qui le peuplent.

Leonor Martins COELHO; Portugal; Universidade da Madeira e Centro de Estudos

Comparatistas da Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

“José Eduardo Agualusa: viagens e cosmopolitismo”

Paraíso e outros infernos, livro complexo, simultaneamente poético e crítico publicado em 2018, percorre uma geografia de afetos e acentua a intertextualidade da escrita de José Eduardo Agualusa. Nascido em Angola, o escritor valoriza a Viagem, o contacto com o Outro e a descoberta do Mundo. Neste volume de crónicas e de notas diarísticas, Agualusa alerta, ainda,

para recentramentos disfóricos que ameaçam a sociedade atual. Gramática do encontro, ética de reliance e utopismos são os três eixos de leitura desta comunicação.

Luís Eduardo NICOLAU; Portugal; Universidade de Évora

“O respeito pela alteridade num quadro de conflitos: o caso das Irmãs da Caridade no Funchal do séc. XIX”

As temáticas que envolvem a religião pela sua carga dogmática, emotiva e irracional acabam por tender a desnortear os diálogos em torno dessas matérias, dificultando o encontro de um ponto de equilíbrio pela volatilidade subjacente. Nessa linha, as doutrinas de oposição e de defesa do cosmo clerical assumem-se como movimentos cujos registos encontram-se dispersos e pouco conhecidos, não obstante a pertinência que possuem na construção das narrativas históricas. Um indicador da vivacidade desses fenómenos é o respeito pela liberdade que exigiam, o ódio que pregavam ou a anatematização que disseminavam. Apesar disso, o seu papel enquanto elemento desafiador do pensamento instalado não pode ser secundarizado. Portugal, na atualidade, assume-se como o Estado europeu cuja sociedade mais defende que as Igrejas não deverão se imiscuir na esfera política, apresentando uma taxa de 90% dos seus habitantes a contestarem a hipótese dessa influência, num indicador que ilustra a separação que os portugueses entendem que deve ser observada entre as esferas sagradas e políticas, mesmo existindo, em 2011, 88,5% de cidadãos que se assumem como católicos. O panorama religioso nacional continua, portanto, a ser dominado pelo catolicismo. Ainda assim, essa supremacia confessional continua a corresponder a um debate fértil na sociedade, como observámos no passado, pela relevância que experimenta em várias áreas. Na Madeira, a partir da segunda metade do séc. XIX, as cisões religiosas têm dois grandes focos: antijesuitismo e antilazarismo. Partindo da polémica que envolveu o regresso das Irmãs da Caridade, o braço feminino dos Lazaristas, no quadro de enfermidades vivido em meados do século XIX, e a guarda do hospício Princesa D. Maria Amélia, no Funchal, cuja direção foi entregue à congregação, pretendemos segmentar os discursos de defesa e de oposição ao cosmo clerical, observando como se desenvolveram os conflitos em torno do regresso dessa congregação. Acreditando que a fenomenologia das religiões, onde também se incluem os movimentos de defesa e oposição, é uma área fundamental para a compreensão dos diálogos e conflitos, não podemos desconsiderar a sua contemporaneidade e o seu papel na edificação do respeito pela alteridade.

Marcin SKIBICKI, Pologne; Chaire de Philologie Romane; Université Nicolas Copernic de Torun

“De la terre ferme vers les îles – l’affiche touristique française et orientaliste”

L'affiche touristique est née, avec la fin du XIXe siècle, de l'essor technique dont la forme la plus spectaculaire reste le chemin de fer. Le progrès et la construction de nouvelles lignes ferroviaires ont popularisé les voyages, jusqu'alors réservés aux vrais explorateurs intrépides. La société, jusqu'alors nourrie de récits littéraires et de contes iconographiques racontés par Delacroix, a enfin pu assouvir sa curiosité et sa passion pour l'exploration de l'inconnu.

L'affiche et la publicité touristique assistent dès le début à cet engouement en suscitant ce désir de découvertes et de rencontres. Pourtant, la Côte d'Azur, la Côte d'Argent ou la Côte d'Emeraude avec leurs stations balnéaires ne suffisent pas à satisfaire la clientèle de la Belle Epoque, toujours plus avide de nouvelles expériences. Une fois de plus, l'affiche prête la main à l'essor du tourisme « au fil de l'eau » et vante les croisières maritimes organisées par les tout premiers offices de tourisme comme Thomas Cook.

Dès le tournant du siècle, l'affiche met l'accent sur le dépaysement en soulignant la richesse culturelle ou l'exotisme des pays lointains. C'est ainsi que naît l'affiche orientale qui assure la promotion de la région maghrébine, tout d'abord l'affiche maritime à laquelle s'allie dans les années vingt du XXe siècle l'affiche d'aviation. Le monde présenté relève de l'imaginaire et est souvent utopique, il représente un idéal irréel peuplé de stéréotypes et de fantasmes.

Le présent article retrace l'histoire de l'affiche touristique de la charnière des XIXe et XXe siècles et s'interroge sur son rôle dans la démocratisation du goût de voyages. A priori, l'affiche touristique n'est autre que l'invitation au voyage par excellence. Toutefois, les stratégies très diverses que nous observons dans l'étude diachronique de l'affiche incitent à s'interroger sur plusieurs points. Il est surtout intéressant de mettre la lumière sur le langage employé pour décrire la beauté des contrées exotiques et susciter l'intérêt des voyageurs potentiels, comment il changeait avec le temps et quels procédés formels étaient engagés pour faire de l'affiche de tourisme un genre particulier. Il faudrait aussi analyser comment ce type d'affiche participait à l'évolution de la perception des éléments locaux et à la construction des mythes fondateurs du tourisme.

Maria Cristina PIMENTEL ; Portugal ; Faculdade de Letras ; Universidade de Lisboa

“Do mundo para a ilha: *insulae infestae*, lugares disfóricos de exílio e morte na obra de Tácito ”

Na literatura, as ilhas assumem, em geral, o aspecto de um lugar ideal onde a natureza é acolhedora, esplendorosa para os olhos e envolvente para o espírito. Em Tácito, porém, raramente as ilhas se apresentam como um locus amoenus. Em vez disso, são quase exclusivamente um lugar de exílio, de exclusão, de violência e morte. Esta comunicação observará as referências a ilhas, na historiografia de Tácito, analisando a forma e com que recursos se constrói essa imagem disfórica, numa geografia da prepotência e da tirania que determinava a Roma do séc. I a.C.

Maria de Lourdes Câncio MARTINS; Portugal; Faculdade de Letras e CEC- Universidade de Lisboa

“Voyages to Utopia? – « Mondialisation », Globalisation and Cosmopolitanism ”

We know that the voyage allowed the idealization of Thomas More to open the paths of discovering utopia: an Other world in the world, possible, harmonious and perfect, as a critical vision of the real that it tries to overcome. Accordingly, we also know that the conformation of this mythical project, as well as that of its copious recreations throughout the ages, are necessarily compromised with the historical and cultural present of their respective epochs.

Exploring the lines of research opened up by this knowledge, one could then question whether the voyage, which is deployed in multiple practices and modalities in our hyper-modern times, given to superlativize excesses, would still lead us to envisage forms of consolidation of the utopian project.

Here is the issue I want to address, taking into account the contemporary problems linked to the processes of world-wide expansion (more expressively designated in French as "mondialisation"), globalization and cosmopolitanism, arising from the rapid evolution of History, and also their approach by the new literature of the 21st century, now more focused on context and committed to "repairing the world" (A. Gefen).

María Elisa CUYÁS de TORRES; España; Red de Excelencia "Europa Renascens"; Instituto Universitario de Análisis y Aplicaciones Textuales; Universidad de Las Palmas de Gran Canaria

“El retrato de la inmigración en los orígenes míticos de la Roma antigua: Virgilio y Tito Livio ”

Este estudio consiste en un análisis de aquellos aspectos comunes a los grandes movimientos migratorios de todas las épocas desde la antigüedad hasta nuestros días sobre textos de la Eneida de Virgilio y del libro I de la Historia de Roma desde la fundación de la ciudad de Livio, textos en los que se narran los orígenes míticos de Roma y los épicos desplazamientos de pueblos que precedieron a la fundación de la ciudad. Los aspectos objeto del análisis serán las circunstancias que los originan, el sufrimiento por el abandono forzoso de la partida, las largas travesías, generalmente a través del mar, la superación de las hostilidades y de las barreras sociales, religiosas y de costumbres, unidas a las derivadas de los estereotipos, prejuicios y xenofobia. También se considerarán los fenómenos resultantes de estas movilidades para determinar si en la Roma primitiva tuvieron cabida las relaciones inter y transculturales y si en sus orígenes se dieron el cosmopolitismo y la ciudadanía.

Maria Eugénia PEREIRA; Portugal; Universidade de Aveiro

“Aquilino Ribeiro: aldeão cosmopolita ou cosmopolita aldeão?”

Aquilino Ribeiro, uma figura entre o primitivismo rural e o cosmopolitismo francês, o enraizamento telúrico e a erudição livresca, a afabilidade romântica e a tenacidade neo-realista, a linguagem vernácula e a polifonia estilística, que viajara forçado e aproveitara para se dedicar à descoberta de si-próprio, enquanto homem e escritor. Na vida, a fauna, a flora e o Homem são objeto de uma incessante observação e tornam-se a matéria prima das suas obras, transformando-se quer em zelosas e poéticas descrições quer em dois «núcleos geratrizes» de toda a sua ficção (Novaes Coelho, 1973: 29): a relação do homem com a mulher e do homem com a natureza e o grupo social. Pois, toda a sua produção literária se encontra tematicamente estruturada à volta das suas raízes e da sua experiência social e cultural, sendo que o cosmopolitismo matizou a sua forma de ler o mundo. Procurar-se-á definir este lado dicotómico do escritor Aquilino Ribeiro, que frequentara a vida artística e mundana de Paris, mas que sempre preferira a rusticidade, a autenticidade que conhecera nas aldeias. Contudo, procuraremos mostrar que a sua revisitação do mundo rural não é anacrónica, mas que resulta, antes, do olhar de um escritor cosmopolita.

Maria Inês AMARANT; Brasil; Pós-Graduação em Ciências Sociais com ênfase em Antropologia; Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

“Cabo Verde: a rota africana de Flora Tristan”

Em 1833, Flora Tristan empreende uma viagem ao Peru que mudaria o curso de sua vida. Durante a longa travessia marítima, o navio faz uma escala forçada na cidade da Praia, na ilha africana de Santiago, em Cabo Verde, sob o domínio colonial português onde se praticava o comércio de escravos. A escritora dedica então um capítulo de seu livro autobiográfico «Peregrinações de uma pária» sobre o que observou, em estilo denominado jornalismo literário. As impressões que a autora capta da sociedade escravocrata cabo-verdiana demonstram o impacto conflitual que teve no que foi seu primeiro contato com a escravidão. Ela revela de que modo sua sensibilidade foi tocada pela opressão a olhos vistos que marcou definitivamente sua memória. Poucos foram os pesquisadores que se aprofundaram sobre o curto período em que a única mulher passageira do navio *Le Mexicain* permaneceu em contato com a sociedade caboverdiana e a realidade que ela testemunhou naquele espaço insular. A sensibilidade da viajante será profundamente aguçada pelas imagens de atrocidades e misérias que nunca antes presenciara. Estas imagens tocantes que guardou na memória despertaram ainda mais sua revolta contra a exploração humana, sobretudo de mulheres. A ilha de Santiago era o ponto nevrálgico de um comércio que ela qualificará de "monstruoso ultraje à humanidade". Desde o século XVII, a escravidão era bastante contestada. Após a Revolução Francesa, muitos filósofos e escritores iniciaram um combate para que o "direito natural" dos povos fosse reconhecido também para além

das fronteiras francesas. Contudo, a utilização de uma mão-de-obra negra e exilada era vista como um problema social geograficamente longínquo e que atingia apenas as colônias ultramarinas.

Flora Tristan perceberá durante os dez dias que visita Praia, que todas as altas personalidades que conhece, em sua maioria europeus, possuíam como grandeza apenas títulos ou dinheiro. A submissão que impunham ao povo escravizado "retirava-lhes qualquer virtude". Ela então iniciará uma atenta peregrinação através da vida cotidiana destas pessoas e mergulhará no fundo da miséria humana. As cenas às quais assistirá serão de uma crueldade inimaginável. Contudo, pode-se compreender que o que ela execra, acima de tudo, é o comportamento desumano daqueles que exploram homens, mulheres e crianças. A memória da opressão nas sociedades escravocratas que conheceu deixou marcas indeléveis não apenas em seus escritos, mas também no itinerário obstinado de escritora e militante que ela trilhou, a serviço de uma causa, em seu desejo de servir à humanidade, aliviar o sofrimento humano, principalmente o das mulheres e dos trabalhadores. Este trabalho é fruto de pesquisa documental, bibliográfica e de campo que está sendo realizada a título pós-doutoral na cidade da Praia, cujo objetivo é acompanhar a rota africana empreendida pela escritora e o contexto local quando de sua passagem, analisando os elementos que fariam parte de suas observações em obras de viagem que escreveu posteriormente.

Maria João MARÇALO e Ana Alexandre SILVA; Portugal; Centro de Estudos em Letras; Universidade de Évora

“Línguas pluricêntricas: o português como língua franca e elo intercultural”

Consideram-se línguas pluricêntricas as que têm diferentes variedades nacionais. Tal como o espanhol, o francês, o inglês ou o alemão, também o português é uma língua pluricêntrica. Não há comunidades linguísticas homogêneas e também não existe homogeneidade entre fronteiras geográficas e fronteiras linguísticas.

Nesta comunicação, abordaremos aspetos de variação intralinguística tendo em conta que cada variedade nacional evidencia a existência de uma norma própria ou a existência de uma norma em fase de consolidação. Descreveremos alguns padrões de variação fonética, lexical e morfossintática e abordaremos as representações e atitudes em relação ao Português como uma das línguas pluricêntricas do presente e a sua dimensão de elo intercultural.

Marilyne LAMER; Québec, Canada; Université de Montréal / CRILCQ (Centre de Recherche Interuniversitaire sur la Littérature et la Culture Québécoise) et Institut Jacques-Couture

“De la Rue Saint-Urbain à l'Île de Montréal: traversée et points de contacts dans *The Street* de Mordecai Richler”

Que se produit-il lorsque se reconstruire et s'imaginer ne peut se faire que par le truchement de la mémoire, du souvenir et de l'autre? Plus qu'une redécouverte de soi par l'écriture, *The Street*, de l'écrivain juif montréalais Mordecai Richler, est la preuve de la possibilité d'une écriture de soi, hors de soi. En arrimant le récit de ses souvenirs d'enfance, au mythe de fondation de la communauté juive de Montréal et au Montréal cosmopolite de 1968, le narrateur de *The Street* transgresse et met à mal la frontière entre le singulier et le collectif, l'ici et le là, le soi et l'autre, le présent et le passé. Entre le Montréal des années 1930-1940 où a grandi le narrateur et celui auquel il est confronté lors de son retour de Londres en 1968, la métropole québécoise s'est transformée : des vagues d'immigrations, des constructions monumentales et des politiques culturelles et linguistiques ont modifié en profondeur le territoire de l'enfance. Pour le narrateur, « revenir à Montréal en 1968, c'était découvrir une autre ville, car la mienne avait été rasée. Quant à la rue Saint-Urbain, elle était devenue un ghetto... grec. cosmopolitisme, altérité » Les sentiments de perte et d'exil intérieur qui habitent le narrateur convoquent une écriture du souvenir et de la mémoire. Au fil des nouvelles, le narrateur de *The Street* procède d'une véritable archéologie des couches de sens qui forment la rue Saint-Urbain. L'anamnèse entreprise par le narrateur permet de recréer, par la mise en commun de souvenirs et de traces éparses, un lieu de l'enfance fantasmé. Plus que tout, ce récit se découvre comme une traversée qui est celle d'une jeunesse certes marquée par un univers essentiellement juif, mais surtout, par l'existence de points de contact et de rencontres avec des figures de l'altérité. En effet, qu'il s'agisse de la communauté francophone, anglophone, italienne, bulgare, grec, etc. les nouvelles richlériennes mettent de l'avant un univers multiculturel qui ne se limite pas à des spacialités spécifiques juives, mais qui inclut plutôt un ensemble de références et de contacts sociaux qui relèvent du cosmopolitisme. Ainsi, ce sont aussi ces relations, ces points de contacts et de rencontres entre l'univers juif du narrateur et des figures de l'altérité, que la présente communication se propose d'étudier. Quelles sont les caractéristiques de l'hétérogénéité culturelle de *The Street*? Comment est-elle vécue par le narrateur ? Entre le cosmopolitisme montréalais des années 1930-1940 et celui de 1968, quels sont donc les éléments de continuité et de rupture ? Adoptant une perspective comparatiste et géocritique, l'analyse vise à étudier les façons par lesquels le narrateur construit des rapports spécifiques à la ville, ce qui témoigne d'un mode de gestion particulier de l'espace et de l'altérité.

Marlène LEBRUN; France; HEP BEJUNE Suisse

“La littérature de jeunesse du voyage : à la rencontre de l'autre, du monde, du jamais pensé et de soi ”

La littérature de jeunesse contemporaine continue à faire vivre l'adage selon lequel les voyages, qu'ils soient contraints ou choisis, forment la jeunesse. Qu'ils voyagent pour des raisons

de découverte ou de migration, les jeunes voyageurs poursuivent une quête identitaire qui promeut la rencontre, la différence, l'altérité, l'interculturalité et, in fine, l'intérité (Demorgon, 2005).

La présente contribution propose d'analyser trois exemples littéraires de littérature de voyage : La montagne aux trois questions de Béatrice Tanaka (1976), Sur la mer immense de Michael Morpugo (2008) et lettres des Isles Girafines d'Albert Lemant (2003). Ensuite, après l'analyse littéraire, je présenterai leur réception par des élèves du primaire ou du secondaire qui ont peu ou prou l'âge des héros voyageurs. Il s'agit de montrer en quoi ces œuvres littéraires permettent aussi un voyage intérieur qui, au-delà de la découverte de l'exotisme, favorise l'empathie (Morin, 2016), la tolérance et le respect, valeurs au fondement de toute véritable éducation interculturelle. La contribution littéraire et didactique s'inscrit dans un travail de recherche mené à la Haute Ecole Pédagogique BERneJUraNEuchâtel qui associe étudiants, enseignants du primaire et du secondaire, formateurs et chercheurs. Les élèves du primaire et du secondaire partagent leurs interprétations lectorales dans un journal de lecture dialogué qui est individuel mais commenté par les pairs de la classe. Le dispositif favorise aussi le partage avec des élèves d'autres régions, pays et continents, via un journal de lecture partagé numérique. Il s'agira d'analyser la réception des œuvres choisies par de jeunes élèves et de montrer en quoi celle-ci dépend ou non de variables liées à l'âge, au genre, à l'habitat et à l'origine. Les jeunes voyageurs qui ont la chance de partir à la découverte d'autres cultures prennent-ils conscience qu'au-delà des modèles éprouvés au sein de la famille et de l'école, il existe bien d'autres codes et de façons d'appréhender le monde. La littérature du voyage permet aussi cette découverte de l'altérité, qui peut s'éloigner du confort de l'habitude et des idées reçues, pour agrandir le cadre des repères et ouvrir encore et toujours plus notre tolérance à l'égard des ceux ont la richesse d'être différents de nous. Pour reprendre l'expression de Demorgon, peut-on parler d'intérité ?

Martine RENOUPREZ; Spain; Universidad de Cádiz

“De L'île parfumée aux porteurs de patrimoine dans la littérature polynésienne”

C'est en juin 2012 que le manuscrit de L'île parfumée, du premier poète Tahitien, Ernest Salmon, fils de la Reine Marautaroa Salmon, sort des oubliettes d'une librairie parisienne, rue du Cherche-midi, à la suite de sa découverte par Christine Duchateau, spécialiste de la culture et de la littérature polynésiennes. Avec cet ouvrage, Ernest Salmon signe « la naissance de l'écriture et de la création autochtones en langue française, imposant silence définitif aux doutes malsains qui corrodent l'existence d'un penser d'un écrire d'un dire tahitien voire polynésien aux aurores de la colonisation ». Si, dit Salmon, « l'amour est à la base même du tempérament tahitien. Il est le but par excellence. Il est le tout », quelles sont les autres valeurs portées par l'imaginaire des îles polynésiennes? Infatigables navigateurs, les polynésiens sont forcément reliés aux autres îles et, par-delà les océans, aux continents. Quelles sont les perles de leur imaginaire? Le

cosmopolitisme les habite à partir de la connaissance et de la reconnaissance de leur propre identité. La déclinaison du nom et de la généalogie est en effet indispensable dans le tissu des relations polynésiennes. Face aux discours des navigateurs occidentaux qui avaient taxé leurs ancêtres de « primitifs », « autochtones aux traits repoussants », « enclins aux sacrifices humains », les écrivains se trouvent aujourd'hui devant l'immense tâche de réhabilitation de leur patrimoine au cours de débats où, selon la tradition, ils demandent à leurs interlocuteurs de décliner leur propre identité et d'expliquer au nom de quelles valeurs et de quels objectifs ils prennent eux-mêmes la parole. Ainsi, Simone Grand analyse le nom d'un héros fabuleux de Tahiti, Maui, traduit à tort par les « experts es nous » par « fripon, farceur ». Décomposé, ce nom indique un « Questionneur » et souvent qualifié de ti'iti'i, il signifie « Questions recherchées ». C'est l'importance du nom et de l'origine dans les relations humaines que nous interrogerons dans l'imaginaire des îles polynésiennes ainsi que les valeurs qui s'en dégagent à rebours des clichés véhiculés par l'histoire et le regard d'autrui.

Martinho Tomé Martins SOARES; Portugal; Universidade Católica Portuguesa / Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra
“Épica madeirense e identidade insular: a Insulana de Manuel Tomás”

No contexto dos 600 anos da descoberta do Arquipélago da Madeira, propomos uma abordagem à vida e obra de Manuel Tomás, mormente, à sua *magnum opus*, a epopeia Insulana. É nosso intuito, por um lado, apresentar a figura de Manuel Tomás, esclarecendo equívocos vários acerca da identidade do autor e, por outro, fazer uma apresentação geral da obra Insulana, acentuando a mobilização do código técnico-compositivo próprio do cânone épico para a formação da identidade insular madeirense. No fundo, pretendemos demonstrar de que modo a epopeia foi concebida ao serviço da afirmação de uma visão histórica regional fundada na ideia de progresso, trabalho, paisagem e religião.

Miriam de Oliveira SANTOS; Brasil; Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
“Da Madeira para o Brasil: diálogos, identidades e conflitos”

Depois da segunda guerra mundial, a migração de agricultores madeirenses para a região metropolitana do Rio de Janeiro, no Brasil, deu origem a uma pequena comunidade de agricultores e comerciantes “portugueses”. Que estendem o gentílico a seus filhos, mesmo que esses tenham nascido no Brasil. A maioria mantém laços estreitos com a Ilha da Madeira, muitos chegaram ao Brasil através de cartas de chamada de parentes e amigos e, em mais de um caso, voltaram a Ilha da Madeira quando ficaram viúvos para buscar esposas dispostas à viajar com eles para o Brasil. Os filhos, nascidos no Brasil, também se pensam como “portugueses”

diferentes dos demais brasileiros, e em sua maior parte, viajaram até a da Ilha da Madeira para conhecer suas raízes. Igualmente comum é o contato com parentes que saíram da Ilha da Madeira para outros lugares, como a Suíça. A circulação dos madeirenses e o reconhecimento dessa identidade como fundamental, permite que aqueles que emigraram para a Suíça, venham passar férias no Brasil, ou que todos se encontrem em determinadas épocas do ano na Ilha da Madeira. O objetivo dessa comunicação é, a partir de entrevistas com os membros da comunidade de madeirenses no Rio de Janeiro, entender a maneira como eles definem a sua identidade, bem como os diálogos e conflitos resultantes de sua permanência no Brasil.

Natália ALVES; Portugal; CLLC (Centro de Línguas, Literaturas e Culturas) Departamento de Línguas e Culturas; Universidade de Aveiro
“Les Machines VS Les Hommes”

En quête d'aventures, Julien Grainebis quitte sa ville natale et se voit échoué sur une île gouvernée par des oiseaux au plumage de fer, aux yeux de verre et au bec argenté. André Dhôtel plonge son personnage dans une société réorganisée par une intelligence artificielle, qui punit ces habitants au moindre faux pas. Partant de l'éthique de « reliance », définie par Edgar Morin, nous observerons comment, dans la première partie du récit, Julien Grainebis manifeste et reconnaît ce besoin avide d'appartenance ; néanmoins, dans la seconde partie du récit, lorsqu'il est confronté à une société dominée par les machines, il remet en cause ce principe et se rebelle. Une grande disparité se manifeste en ce qui concerne les relations et contacts humains et, bien que le récit s'ancre dans le réel, le lecteur émerge dans un univers hors norme. Notre travail part du conte L'île aux oiseaux de fer et prétend analyser le voyage en tant que point de départ vers un monde ouvert sur des horizons nouveaux, mais qui, en fait, n'est qu'une recherche de soi. Par la suite, et prenant en compte la parabole de la robotisation au sein du récit, nous nous proposons d'identifier les enjeux du progrès, de l'interaction sociale et des comportements de cette société autonome et retirée du monde.

Natasha LVOVICH; USA; City University of New York
“Wanderer from the Resplendent City”: Exile, Creativity, and Utopia”

Combining scholarship in several disciplines, from Russian history and art to cultural anthropology, psychology, and literature, this interdisciplinary case study draws its lessons from a unique exile trajectory of a Symbolist painter, mystic, and social utopian Nicholas Roerich. Roerich emigrated from Russia in the wake of the Bolshevik Revolution and established himself in the U.S. in 1920, yet he never aspired to become a New American. Calling himself “a traveling Russian,” Roerich directed his creative energies, rooted in Russian esoteric thought and

Slavophilia, toward the East. His profound nostalgia of lost Russia and the development of his own version of Theosophical doctrine inspired thousands of paintings—his ‘mission art’—and led to the reenactment of the Buddhist legend of Shambhala. In the name of the spiritual paradise to be built in unified Asia, Roerich implicated himself in geopolitical intrigues and got trapped in his own utopia. Roerich’s extensive travels, first across Russia and Western Europe, then in the Americas, then in Asia, Tibet and the Himalayas, were described and painted and included a mythical place called Belovod’ye (White Waters), a “resplendent city of happiness and justice, where supreme knowledge and wisdom flourish for the salvation of all humankind,” sounding almost word for word similar to Shambhala. The figure of the wanderer on Roerich’s painting closely resembles Roerich himself (the strategy he repeatedly used), his profile of a sage with a pointy beard, who ‘wandered’ in search of an elusive “resplendent city.” Belovod’ye or Kitezh or Shangri-La or Shambhala, the invisible resplendent city that the pilgrim is coming from, and his destination, the symbolic return to Russia, converged in his exilic imagination into a Russian chapel painted in the form of a cube of Tibetan monasteries. This convergence—of geometric forms, symbols, disciplines, arts, East and West civilizations, philosophies, religions and religious figures has long been Roerich’s intellectual and creative credo and was finally set free. Overlaying his memories onto a picture of a mythic saga of a spiritual quest in the Himalayas, Roerich creates a visual and mental construction of personal and collective, real and imaginary, past and future, where fiction and nonfiction become undistinguishable. For thirty years of his life, until his death in 1947, he would pursue this idyllic vision, becoming a nomad who never settles and never arrives because it is not possible to arrive to an imaginary land.

Olga ANOKHINA; France; Institut des Textes et Manuscrits Modernes (CNRS/ENS)

“Exile et créativité : ces écrivains d’ailleurs qui écrivent en français”

Dans notre contribution nous allons parler de ces écrivains dont le français n’est pas la langue maternelle mais qui ont acquis la reconnaissance en écrivant en langue française. Depuis les dernières décennies, grâce notamment à l’obtention de nombreux prix et distinctions littéraires prestigieuses, la critique et le public commencent à prendre conscience du fait qu’il ne s’agit pas d’un phénomène marginal. En témoigne d’ailleurs le nombre de colloques et de publications toujours grandissant dont le Dictionnaire des écrivains migrants U. Mathis-Moser et B. Mertz-Baumgartner (dir.), *Passages et ancrages en France. Dictionnaire des écrivains migrants de langue française (1981-2011)*, Paris, Honoré Champion, 2012. En nous basant sur les déclarations de ces écrivains, souvent émigrés, exilés, mais toujours exophones, qui ont intégré « l’ailleurs » linguistique, culturel et géographique dans leur écriture, nous allons réfléchir sur leur rapport – parfois libérateur, parfois douloureux, mais toujours complexe – à la langue française et sur les raisons qui les amènent à choisir cette langue pour leur écriture. Nous insisterons sur le fait que

les écrivains, de tous horizons linguistiques et géographiques, qui choisissent d’écrire en français sont toujours plus nombreux et qu’ils apportent sans conteste leur précieuse contribution au rayonnement de la langue et de la littérature françaises.

Otilia Pires MARTINS; Portugal; Centro de Línguas, Literaturas e Culturas (CLLC) - Universidade de Aveiro

“Le Portugal et le regard de l’Autre : les aléas d’une insularité géo-historique et politique”

Situé à la pointe occidentale de l’Europe, le Portugal a longtemps été isolé par deux obstacles – l’un géographique, l’autre mental. Sa situation excentrée – coupé de la France par la Meseta ibérique, par la force de l’exubérance et de la passion espagnoles, marginalisé par une Histoire qui fut, avec un demi-siècle de salazarisme, comme une utopie tournant le dos à la modernité – explique, son image rare et quasi exotique, dans la littérature française. Jusqu’au XIXe siècle, le Portugal – Lisbonne surtout – a fait l’objet de visites rares et fugaces de la part des voyageurs français, plus attirés vers l’Orient. Au XXe siècle, elle a fasciné d’innombrables écrivains étrangers et elle séduira, dans la première moitié du siècle, des écrivains-voyageurs français, issus d’une lignée dandy, égotiste, cosmopolite et lusophile, tels que Morand, Soupault, Larbaud, Chardonne, Déon. Au cœur de la tourmente nazie, dans le Portugal “neutre” de Salazar, Lisbonne verra passer de nombreux écrivains Français en quête de cieux plus éléments. Dans une période post-révolution des œillets, Cyril Collard, Olivier Frébourg, Olivier Rolin, Antoine Volodine, Jacques Réda, Pascal Quignard, Renaud Camus... Qu’ils appartiennent à la lignée des écrivains-voyageurs, dans la tradition d’un Loti ou d’un Segalen – Larbaud, Morand et Chardonne –, ou bien qu’ils soient venus pour s’embarquer vers New-York ou le Brésil – Saint-Exupéry, Green, Kessel – ou encore pour des raisons professionnelles – Déon –, ou bien qu’ils soient venus en mission – militaire pour Giraudoux, en 1916, culturelle pour Simone de Beauvoir, en 1945 –, ou qu’ils soient venus après la Révolution de 1974 abreuver leurs idéaux de gauche – Sartre, Beauvoir, Volodine, Dominique de Roux –, tous ont fixé, au moyen de l’écriture, les images que leur regard critique ou complaisant a retenues de cette ville que John Dos Passos décrivait comme “une nostalgie endormie” et Saint-Exupéry comme “un paradis clair et triste”. Une certitude demeure: c’est une image mythifiée d’un Portugal bucolique et heureux qui va déterminer la vision française du Portugal jusqu’à la Révolution des œillets. Une vision heureuse que l’on retrouve chez Chardonne, Déon, Pieyre de Mandiargues et Pierre Kyria, issue de Larbaud, Soupault, Morand, mais qui a longtemps placé le Portugal en marge de l’Histoire. La marginalité portugaise représente, il est vrai, l’isolement politique et idéologique du Portugal vis-à-vis du monde mais c’est aussi par son insularité que le Portugal surgit, dans l’imaginaire français, comme une île heureuse et préservée, gardien de la mémoire ancestrale de l’Europe des temps révolus...

Paula Alves dos SANTOS; Portugal; CEC – Universidade de Lisboa

“Charles Bertin e os jardins do deserto: um outro olhar sobre o destino da humanidade”

Publicado em 1981, o romance *Les Jardins du désert*, de Charles Bertin, mostra seguir as linhas orientadoras das narrativas utópicas do século XX, marcadas de forma veemente e obstinada pela dialética entre utopia e contra-utopia. Veremos, ao longo da nossa leitura da obra, a forma singular como o autor constrói a sua narrativa como utopia, distopia e ucronia, ao mesmo tempo que adere aos princípios e às directrizes do romance pós-moderno, de registro autobiográfico, com implicações ao nível dos géneros, como o discurso diarístico, o memorialismo, o relato de viagem ou a digressão contemplativa e poética. Na complexidade destas suas vias, observaremos como do seu carácter compósito nasce uma obra única, de carácter introspectivo e profundamente humano, que não deixa de surpreender pela sua extraordinária actualidade. Teremos ainda presentes as ligações intertextuais com autores como Júlio Verne e Jean-Marie Gustave Le Clézio.

Paulo OSÓRIO; Portugal; Universidade da Beira Interior

“A viagem como renovação da língua portuguesa a partir da grande aventura quinhentista: dos latinismos, cultismos e concetismos humanistas ao exotismo de outras aportações linguísticas”

Sob o ponto de vista linguístico, o século XVI marca uma fase assaz importante na história do português que trará contributos decisivos para os séculos vindouros (cf. Cardeira, 2005 e Osório, 2008), configurando o designado português clássico que, tal como afirma Marquilhas (2000: 10), não tem sido um período objeto de tanta investigação como outras fases pretéritas da língua: «No domínio da linguística histórica o português clássico não tem atraído uma atenção equivalente àquela que repetidamente se dirige ao português medieval».

Tratando-se de um período historicamente marcado pelas viagens dos portugueses em conquista de outros mundos, isto é, de Portugal para o mundo e das Ilhas Atlânticas (em que se inclui obviamente a Madeira como um dos polos da expansão ultramarina a partir do século XV) para outras paragens, tomaremos a caracterização desta fase linguística, enquanto período de consolidação de estruturas morfossintáticas da língua portuguesa, sob a influência do latim, das tentativas de codificação gramatical e, ainda, através das grandes realizações estético-literárias do chamado “século de ouro” de Portugal.

Assim, a nossa intervenção não será alheia à importância dos latinismos, cultismos e concetismos nesta fase do português, bem como ao movimento de entrada de outro tipo de léxico que a expansão ultramarina propiciou, na língua portuguesa, nomeadamente numerosos vocábulos de origem africana, asiática e sul-americana (alguns dos quais, depois, foram tomados de empréstimo

por outras línguas europeias, através do português), devendo aqui ser feita uma menção especial aos Colóquios dos Simples e Drogas, de Garcia de Orta.

Nesta viagem pelo período clássico do português (que se estende até sensivelmente ao século XVII/XVIII), há fatores externos aos quais a nossa contribuição não poderá ficar indiferente, nomeadamente o facto de este período ter sido iniciado com a publicação da Gramática da Língua Portuguesa de Fernão de Oliveira, devendo salientar-se outra obra que vem prosseguir esta tradição: as Regras da Língua Portuguesa, Espelho da Latina de D. Jerónimo Contador de Argote, dado à estampa, em Lisboa, no ano de 1725, documento importante da situação da língua portuguesa nos começos do século XVIII.

Pénélope LANGLAIS-OLIGNY; Canada; Université du Québec à Montréal

“Le récit de voyage autobiographique comme lieu de décolonisation”

Mes expériences en tant que personne blanche et privilégiée ayant vécu et voyagé dans plusieurs pays d'Amérique latine ont été le lieu d'une prise de conscience par rapport à mes privilèges et à ma position de pouvoir à un niveau individuel et politique. Par la suite, un voyage à travers mon propre pays, le Canada, m'a servi de cadre pour prendre conscience de ma position par rapport aux peuples Premières Nations. Ainsi confrontée à mon héritage colonial et néocolonial, mon identité en tant que personne étrangère et en tant que settler s'est construite autour d'un sentiment de culpabilité lié à ma blancheur et à mon statut social. Dans le cadre de ma maîtrise en création littéraire, j'explore donc les possibilités et les limites d'une décolonisation de mon être à travers l'écriture. En effet, dans le texte de création que je dois produire, je me propose de relater la construction de mon identité en contact avec une altérité victime du colonialisme et du néocolonialisme au sein d'un récit autobiographique. Dans l'essai qui accompagne ce texte de fiction, je penserai l'écriture comme un regard pour réfléchir aux enjeux liés à un processus de décolonisation du sujet blanc au sein de l'écriture autobiographique. Je postulerai qu'un tel processus ne peut s'enclencher que lorsque le récit autobiographique réussit à poser son regard non seulement sur l'Autre, mais aussi sur lui-même. Ce faisant, le sujet blanc quitte le confort d'être celle ou celui qui regarde pour se retrouver dans la position d'être celle ou celui qui est regardé. Ce retour du regard sur lui-même m'obligera à visibiliser mon identité socialement construite comme neutre, révélant ainsi son héritage colonial. Je postulerai donc que l'écriture autobiographique pensée comme moyen pour le sujet qui écrit de construire sa propre identité agit ici comme un lieu propice à une telle déconstruction et reconstruction identitaire seulement lorsque l'écriture-regard réussit à voir les axes de privilège et de pouvoir qui traversent l'identité blanche. J'accompagnerai ces réflexions par une confrontation aux apories inhérentes à ma démarche en me basant sur les théories proposées par des penseuses et penseurs post-colonialistes comme Gayatri Spivak, Edward Saïd, Gloria Anzaldúa et David Spurr. Dans le cadre

du colloque, j'aimerais donc beaucoup partager le fruit de mes recherches sur la question du voyage, du regard et de l'écriture autobiographique à partir des questions de la colonisation/décolonisation et de l'identité.

Piotr OLKUSZ; Poland; University of Lodz

“Voyage aux îles de Marivaux. L'utopie autrement radicale ”

Entre 1725 et 1729 Marivaux écrit trois pièces dont l'action se déroule dans des îles imaginées: L'île des Esclaves, L'île de la Raison et La Nouvelle Colonie ou La Ligue des femmes (on ne connaît que la deuxième version de cette pièce, intitulée simplement La Colonie). Pour décrire ces pièces on utilise souvent le terme “comédie sociale” afin de suggérer que Marivaux y présente ses projets futuristes concernant l'organisation d'une société. Il s'agirait alors d'une “utopie à réaliser” et d'un projet ouvertement politique où l'imagination d'auteur a toujours ses buts directement pratiques. Il serait cependant intéressant d'y voir un autre type d'exercice de fantaisie, celui où “le plaisir du voyage imaginaire gagne sur l'intérêt pour les pays que l'on dévoue” (B. Baczko, Lumières de l'Utopie). Or, Marivaux n'écrit pas ses pièces pour parler de ce qui sera bientôt possible: il les écrit pour répondre aux appétits pour l'improbabilité, le sentiment cher pour le public de son époque. On peut le prouver en analysant l'accueil de ces pièces, autant en France qu'à l'étranger (surtout par rapport à d'autres comédies “sociales” et “imaginaires” jouées en même temps), ou bien en analysant l'accueil d'autres œuvres littéraires de l'époque qui utilisaient la technique et le motif du “voyage imaginaire”. C'est d'ailleurs le cas des Voyages de Gulliver de Swift, publiés en français en 1727 – même si son traducteur compare le roman aux grandes utopies de Platon, Morus ou Bacon, “Mercure de France” (mai 1727) décrit ce texte plutôt comme divertissant et intéressant et pas comme utile ou critique. L'utilité des utopies n'est découverte qu'après. Mais – voici un grand paradoxe – ces voyages imaginaires sans but pratique semblent très importants pour le développement des capacités intellectuelles de la société de cette période. C'est grâce à la séparation du réel et l'imagination que l'on a commencé à apprivoiser la pensée utopique. Ce phénomène a été décrit par Jean Starobinski dans ses analyses du Pèlerinage à l'île de Cythère de Watteau: le tableau apparemment sans intérêt politique invite les spectateurs de son époque à penser l'impossible. Voici un vrai pouvoir révolutionnaire de l'œuvre. La grande richesse des “trois îles” de Marivaux n'est pas liée à leur engagement social et politique direct. Bien au contraire: ces trois îles où se déroule l'action des comédies rappellent souvent l'ambiance de Cythère de Watteau et grâce à cela elles s'approchent d'une utopie vraiment radicale et révolutionnaire, parce que libérée de la réalité quotidienne.; French theatre, Utopia, Enlightenment drama, Marivaux; Je suis maître de conférences à l'Université de Lodz (Pologne), à l'Institut d'Études Culturelles (département des recherches théâtrales) et je suis aussi rédacteur de la section étrangère de la revue théâtrale “Dialog” (www.dialog-pismo.pl). J'ai

consacré mon doctorat au théâtre français de l'après-guerre, mais depuis quelques années dans mes recherches universitaires je m'intéresse surtout au théâtre du XVIII siècle (p. ex ici un article sur Marivaux, publiée dans la revue d'histoire de théâtre “Pamiętnik Teatralny” <https://pbn.nauka.gov.pl/polindex-webapp/browse/article/article-44639b2f-f7f5-4c47-8599-6627b3829353>), tout en continuant les recherches sur le théâtre du XXe siècle (p. ex. <http://polishtheatrejournal.com/index.php/ptj/article/view/130/615>). J'ai traduits plusieurs textes théoriques sur le théâtre, p. ex. Patrice Pavis La mise en scène contemporaine: origines, tendances, perspectives (<https://ksiegarnia.pwn.pl/Wspolczesna-inscenizacja.68457092.p.html>) et Romain Rollan Le Théâtre du Peuple(<https://terytoria.com.pl/559-teatr-ludowy.html>).

Reinaldo Francisco SILVA; Portugal; Centro de Línguas, Literaturas e Culturas; Universidade de Aveiro

“A One Way Ticket from Madeira to Hawaii: Revisiting Ethnic Identity through Gendered Writing”

The mass movements of emigrants from, mostly, the island of Madeira and the Azores to Hawaii began in 1878 and ended in 1913, marking the end of the Portuguese emigration to Hawaii. For thirty-five years, the total of 29 boats arriving there discharged more than 24,000 immigrants on these Pacific islands. Leaving behind a poor, rural island, Madeira, to another archipelago in the Pacific, through time, and after creating the conditions for survival, adjustment, and, in some cases, an education for their children or grandchildren – out of these ancestors would emerge two American female voices of Madeiran ancestry. This paper aims at discussing their views of this wider world, more cosmopolitan than the one they had left behind, but with different economic, social, racial realities than the ones their ancestors or themselves had known or were shaped by in Madeira. Issues of assimilation or being the victims of the late nineteenth- or early twentieth-century “colonial” or racist “gaze” (Homi Bhabha) that some of these immigrants were subject to, are matters that two novels written by Elvira Osorio Roll address. An American writer of Madeiran/Portuguese descent: Background: A Novel of Hawaii and Hawaii's Kohala Breezes were published in 1964, at the height of the Civil Rights Movement and ethnic awareness in America. Instead of the customary immigrant nostalgia for the old country and longing to return there as we read in most immigrant stories, my contention is that Roll discusses American issues in both novels and that she can be considered the first truly Portuguese American author who wrote in English about the problems affecting Portuguese Americans in an American setting. She is the precursor of emergent Portuguese American voices of the 1980s and 1990s who wrote exclusively in English such as the acclaimed Katherine Vaz, Frank Gaspar, Julian Silva, Charles Reis Felix, etc. The other story, From Madeira to the Sandwich Islands, published in 1975, by Anna Martins Gouveia, is a simple narrative of immigrant survival, ghost-written by Margaret F.

Araújo. Gouveia was already a married woman when she emigrated to Hawaii in 1906. Gender educational politics of her time, her civil status, her domestic life, and the language barrier thwarted her chances of breaking free from illiteracy. Gouveia notes in her autobiography how she and her family tried to keep Portuguese traditions alive through the church processions, feasts, food, and the baking of bread in her brick oven. Conscious of the islands' demographics, she understands the difficulty in finding a suitable Portuguese mate in Hawaii and accepts her grandchildren's interethnic melting – or “melting love,” as Werner Sollors has suggested – with ethnics from an Asian background. This essay analyzes the impact of this pattern of Madeiran/Portuguese immigration on Hawaii/America while providing an understanding of how Portuguese immigrants were received and how Portuguese culture was transmitted to and transformed in America.

Renata Flaiban ZANETE; Portugal; ILCH-Universidade do Minho

“Palimpsestos de mitos e histórias: a viagem ao passado e ao futuro no filme de animação Uma história de amor e fúria”

A longa metragem de animação *Uma história de amor e fúria* é a história de um índio guerreiro imortal que revê, revive e projeta-se por 600 anos do passado e do futuro do Brasil, sempre buscando reencontrar sua amada, Janaína. Lançado em 2013, é fruto do trabalho de cerca de dez anos de seu realizador, o cineasta brasileiro Luiz Bolognesi, que assina roteiro e direção. Destinado ao público jovem e adulto, tem traço e linguagem de histórias em quadrinhos e ganhou muitos prêmios nos festivais de cinema nacionais e internacionais, como o de Annecy, na França. Trata da formação do povo brasileiro por meio dos encontros violentos entre brancos, índios e negros, ao longo da história. Aborda ainda projeções para o futuro, quando a grande luta passa a ser pela água. A mitologia tupinambá serviu de inspiração ao realizador. O personagem principal morre, transforma-se em pássaro e renasce como homem, sempre na liderança de episódios marcantes: os conflitos entre tupiniquins e tupinambás, bem como o encontro entre os portugueses e os índios, na colonização, em 1565; o embate entre os brancos, os poderes oficiais e os escravos negros na revolta da Balaiada, no Maranhão, em 1825; o movimento estudantil e a guerrilha urbana contra a ditadura, no emblemático ano de 1968 e o prolongamento deste período até os anos 1980. O amor e o espírito de luta e resistência atravessam todos os renascimentos do herói. É a amada quem se torna líder no último episódio do filme, a guerra pela água, que, no modelo próprio da ficção científica, desenrola-se num Rio de Janeiro imaginário, no ano de 2096. Para Jacques Lacan (1953), o simbólico se estrutura através da linguagem. É na reavaliação dos materiais simbólicos presentes nos discursos e monumentos oficiais que Bolognesi vai centrar forças, trabalhando com a linguagem cinematográfica, a fim de instaurar um outro mundo simbólico, diferente do que até então se propagou, centrado na visão e na linguagem dos

dominadores. Como definido por Durand (1993), signo refere-se a um sentido e não a uma coisa sensível. Assim, é pela revisão de certos signos e instauração de novos sentidos que Bolognesi e suas obras estão a atuar. Analisaremos o imaginário e a viagem ao passado e ao futuro, através dos referenciais teóricos propostos principalmente por Claude Lévi-Strauss, Gilbert Durand, Jacques Lacan, Mircea Eliade, Slavoj Žižek e René Girard.

Rita QUEIROZ de BARROS; Portugal; Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa

“A long voyage into English: influences of Portuguese in the English vocabulary as evidenced in Hobson-Jobson. A Glossary of Anglo-Indian Words and Phrases (1886)”

Lexical borrowing is one of the most enduring consequences of cultural encounters resulting from voyage and cosmopolitanism. This phenomenon is particularly salient in English, in which the high proportion of loanwords imported from a wide range of different languages was highlighted as soon as the 19th century (Müller 1867).

Despite a comparatively modest role in the composition of English vocabulary, Portuguese is also one of its sources (Durkin 2014). Interestingly, Portuguese influences seem to have resulted primarily from contacts with English established in or because of colonial encounters as exemplified by the word “brinjal”: according to the Oxford English Dictionary, this synonym of eggplant entered English through the contact of Anglo-Indian with the Portuguese word “beringela”. The purpose of this paper is to investigate the role of Portuguese in the constitution of Anglo-Indian vocabulary as evidenced by Hobson-Jobson. A Glossary of Anglo-Indian Words and Phrases. First published in 1886 and authored by Yule and Burnell, the Hobson-Jobson is a lexicon of words and phrases characterising Anglo-Indian (i.e. the variety of English used by the British community in India), which “enter(ed) English from Spanish, Portuguese, Arabic, Persian, Indian, and Chinese” (Teltscher 2013). Despite its deliberately intriguing title, the Hobson-Jobson is a thorough lexicographic work, which has been raising wide academic interest (see e.g. Nagle 2011, Mesthrie 2013, Lambert 2018). It is the first dictionary “to direct sustained attention to the linguistic repercussions of commercial and colonial contact between Europe and Asia” (Teltscher 2011) and is now known to have influenced and contributed to the most important of the English lexicons, i.e. the Oxford English Dictionary (Teltscher 2011, 2013; Nagle 2014).

Aiming to present a contribute from historical lexicography to the discussion of the conference topic, this paper will provide an exploratory analysis of the lexical transits from Portuguese into English as evidenced in the Hobson-Jobson. Making use of a digital edition of this source, it will contribute to identify, systematise and discuss the role of Portuguese in the constitution of Anglo-Indian vocabulary and thereby trace the long voyage of some Portuguese words into the modern global language.

Rui Guilherme Figueiredo da SILVA; Portugal; Centro de Literatura Portuguesa, Universidade de Coimbra

“João Vário ou o exílio como experiência e sublimação”

Ó pur langage de l'exil!

(Saint-John Perse)

João Vário (1937-2007), cientista e escritor nascido no Mindelo, em Cabo Verde, viveu mais de quarenta anos em cidades como Coimbra, Lisboa, Paris, Antuérpia, Luanda e Maseru. A sua obra poética, reunida na série *Exemplos* (1966-1998), constitui o testemunho singular de uma experiência de emigração e de ‘exílio intelectual’ (Edward Said). Legatário dos mestres do Alto Modernismo, sobretudo de língua inglesa e francesa, émulo da erudição de Jorge de Sena e do hermetismo de Herberto Helder, João Vário produz uma obra difícil, progressivamente marginalizada, que apenas tardiamente será reconhecida. A minha comunicação explora o tema do exílio na obra poética de João Vário, procurando, por um lado, discriminar as suas diferentes manifestações, e expondo, por outro lado, a afirmação de uma ‘hospitalidade cosmopolita’ (Jacques Derrida), de natureza estética e política, capaz de mitigar ou sublimar o sofrimento dos “devastados pelos ventos e pelo pó das estradas do exílio”.

Quanto às diferentes expressões do exílio, elas compreendem, nomeadamente, 1) o quotidiano do autor (insultado pela xenofobia) e a sua biografia (desde a partida sorrateira de Portugal até ao regresso à ilha natal), 2) a memória histórico-cultural, que reativa a diáspora hebraica na emigração cabo-verdiana, e 3) a experiência artística, entendida na solidão autoral, ou ontológica, percebida na comum estranheza do mundo. Quanto à poética da hospitalidade incondicional, bálsamo e sublimação dos males do exílio, ela permite acolher o exemplo maior de Saint-John Perse, poeta das ilhas, viajante e hermético como João Vário; ou recuar a Dante (“em meados de uma vida”) e às mesmas fontes gregas (“sob os olhos de Minos” ou “de Anteu”) e judaicas (do “vinho puro e trigo bento/ para a viagem de regresso”) que nos ofereceram o ideal cosmopolita partilhado por João Vário.

Serena VIANELLO; Italy; Ca' Foscari University of Venice;

“Visions of Otherness: Gertrude Bell’s and Ella Sykes’s Translations of Persian Spaces, Places and Landscapes”

Travelling means, first of all, moving from one place to another. Although this definition may seem simplistic and banal, it is undeniable that a journey, whether it takes place in reality or

across imaginary lands, involves movement in space. People may spend a few hours or even days travelling to reach their own destinations and the conditions of travelling affect the way they perceive space. Moreover, they do not only travel across space but also experience new spatial contexts. This involves another type of movement, which is not a physical itinerary but the traveller’s experiential encounter with a different culture and the inevitable changes that this experience brings forth. As C. Thompson points out, “all travel requires us to negotiate a complex and sometimes unsettling interplay between alterity and identity” and this negotiation is progressively developed by movement in space. Y.F. Tuan claims that experience is a term referring to the different modes through which we know and construct reality and consists in a combination of senses, visual perception and symbolization. Therefore, reality is a “construct of experience” and is created by feeling and thought, which highlights the correlation of subjectivity and culture in this experiential process of spatial construction, where “undifferentiated space becomes place as we get to know it better and endow it with value.” Tuan focuses on the prominent importance of sight in the organization of space. This view is supported by E. Relph, who claims that “above all, place has a physical, visual form,” which he calls landscape. The close connection between landscape and vision is confirmed by the dictionary definitions of the word, which is described as “a view or prospect of natural inland scenery.” As A. Corbin suggests, landscape in a mode of reading space, “une lecture ou, le plus souvent, un entrelacs de lectures,” which primarily involves sight, but also all the other senses. The aim of my investigation is to examine the complex processes involved in the visual experience of otherness and its translation in travel writing. I will focus on a pair of British women, Gertrude Bell and Ella Sykes, who visited Persia at the end of the nineteenth century and reported their experience into writing. These two coeval women travellers were associated by gender, social status, diplomatic connections, a sheer cultural interest in Persia and the decision to write about their Persian travels. Bell’s 1894 *Persian Pictures* and Sykes’s 1898 *Through Persia on a Side-Saddle*, as well as the other works they devoted to Persian culture, are a compelling testimony to the experiential and cultural thrusts which are involved in the traveller’s reading of a foreign land. I will demonstrate that the aesthetic categories of the beautiful, the sublime and the picturesque as well as the dynamics of the exotic vision are essential in order to emphasize the cultural and literary values of these travel books.

Sérgio Paulo GUIMARÃES de SOUSA; Portugal; Centro de Estudos Humanísticos; Universidade do Minho

“Um rinoceronte sozinho no meio da estepe (sobre “Os Papéis do Inglês”, de Ruy Duarte de Carvalho)”

Em recensão publicada na *Folha de São Paulo*, em janeiro de 2001, o escritor brasileiro Bernardo Carvalho enfatiza, com inteira justeza, n’*Os Papéis do Inglês* (2000), aquilo que também

é uma das mais evidentes marcas da sua inteligência ficcional (estamos a pensar em *O Sol Se Põe em São Paulo*): o estatuto, qual jogo de espelhos, autorreflexivo do livro de Ruy Duarte de Carvalho. Para o autor de *Nove Noites*, para referirmos um romance no qual também surge um antropólogo (Buell Quain) a suicidar-se, esse estatuto, visível, entre outros aspetos, pela sobreposição de histórias dentro de histórias, faz com que a narrativa se acuse «em permanente “suspeita perante si mesma”, a questionar-se». Ora, é precisamente este autoquestionamento metaficcional, em conexão com outras restantes obras do autor, que pretendemos estudar neste romance central e maior no curso contemporâneo da literatura escrita em português. A nossa análise, para sermos mais precisos, incidirá, primeiramente, sobre o modo como o romance integra o ideal regulativo daquela classe de textos que se entregam a essa operação de diluição sempre estranha que consiste na inscrição da narrativa no interior de si mesmo. E como isso favorece, como se de peças de mosaico se tratasse, histórias («estórias», segundo o narrador) encaixadas umas nas outras, as quais problematizam noções como «ficção» e «história». Uma problematização, segundo cremos, que vai para lá clássica oposição falso/verdadeiro.; ficção, meta-ficção, estória, viagem, auto-reflexividade

Stéphane SAWAS; França; INALCO; CERLOM, Paris

“Les îles cosmopolites dans le cinéma comique grec d’après-guerre ”

Le tourisme de masse bouleverse la vie des sociétés insulaires grecques dans l’après-guerre. Ce choc est l’objet de représentations inventives dans la comédie grecque des années 1960 qui connaît alors son âge d’or. Cette communication se propose d’étudier l’impact de ce bouleversement à travers six films tournés entre 1961 et 1972 sur des îles que le tourisme connecte de manière nouvelle au reste du monde : ‘Qui est Margarita ?’ (1961) de Dimis Dadiras, ‘Les Prétendants d’Eftychia’ (1962) de Sokratis Kapsaskis, ‘Marlon Brando peut aller se rhabiller’ (1963) d’Orestis Laskos, ‘L’Appât’ (1964) d’Alekos Sakellarios, ‘La Parisienne’ (1969) de Yannis Dalianidis et ‘La Comtesse de Corfou’ (1972) d’Alekos Sakellarios. Ces comédies transportent le temps d’un séjour ou d’une excursion les acteurs préférés du public dans les îles argo-saroniques (Hydra, Poros), dans les Cyclades (Mykonos), dans le Dodécannèse (Kos, Rhodes) ou dans l’Heptanèse (Corfou), où le contact de la population locale avec les touristes grecs et étrangers crée des situations comiques inédites. Ces espaces insulaires, parfois très éloignés du continent, permettent aux personnages, transformés par l’expérience du voyage, de laisser libre cours à des excentricités vestimentaires et chorégraphiques (notamment au contact des touristes hippies), à une certaine liberté de mœurs (quoique très contrôlée), à un mélange de grec et de langues étrangères (français, anglais, italien) proche du sabir et à une inversion utopique des rôles sociaux où le pauvre devient le riche et vice-versa le temps du séjour sur l’île, contribuant à faire de ces films un cinéma de l’évasion à destination des milieux populaires. Les cinéastes tirent

profit d’un comique de situation où les acteurs les plus célèbres de l’époque (Jenny Karezi, Georgia Vassiliadou, Thanassis Vengos, Rena Vlachopoulou, Alikí Vouyouklaki) peuvent jouer de leur talent pour investir le patrimoine architectural et culturel, le paysage ou les nouvelles installations touristiques (en particulier les hôtels de luxe) de ces îles. Les clins d’œil aux grandes figures du cinéma mondial (Brigitte Bardot, Marlon Brando, Marilyn Monroe) sont teintés tantôt de subversion tantôt de dérision et leur décontextualisation dans des espaces insulaires récemment devenus cosmopolites témoignent des dynamiques de nouvelles cultures mondialisées sur lesquels ces films encore aujourd’hui très appréciés du public grec portent un regard amusé et tendre.

Thierry PROENÇA dos SANTOS; Portugal; CLEPUL; Universidade da Madeira

“A experiência da viagem do universitário madeirense na obra romanesca de Horácio Bento de Gouveia”

Ficcionalizando a passagem da Madeira para Lisboa que os seus protagonistas, na qualidade de universitário madeirense, efetuam, Bento de Gouveia incorpora em *Canga* (primeiramente publicado em 1949 sob o título de *Ilhéus*) e em *Águas Mansas* (1963), romances da memória insular sobre a juventude e percursos de vida, reflexões e traços de comportamento que testemunham o embate com uma realidade outra, ora como provação de si mesmo, ora dada como experiência gratificante.; universitário madeirense, idas e regressos, viagem e desenraizamento, distâncias e afetos, o insular transformado em cidadão do mundo.

Véronique Le RU; France; Université de Reims CURLEP EA4299

“Le voyage de Candide et le meilleur des mondes”

Dans *Candide* ou l’optimisme, Voltaire s’insurge moins contre Leibniz, contre son principe de la raison suffisante et contre sa thèse du meilleur des mondes possibles que contre la manière de penser des philosophes prétendument savants, contre l’esprit de système de ceux qui s’arrogent le droit de résumer l’univers dans leur construction philosophique ou métaphysique. Voltaire ne condamne pas l’esprit philosophique, sans doute ce qu’il y a de plus précieux pour lui, mais les faiseurs de système et surtout leurs sectateurs, les professeurs de philosophie. Il ne se moque pas de l’homme, il ne se moque pas de l’animal qui se nourrit de transcendants, il sait parfaitement qu’il appartient à cette espèce, mais il se moque des philosophes qui les mettent en système et qui s’en éprennent à tel point qu’ils le pensent comme la seule réalité qui vaille. Les philosophes à système et leurs sectateurs, voilà la cible sur laquelle Voltaire tire à boulets rouges. Le conte de 1759 est une arme qui vise à écraser l’infâme décliné non pas dans la version triviale de la superstition religieuse et du fanatisme des prêtres mais dans la version instruite des systèmes philosophiques. Le voyage initiatique de *Candide* est un combat contre l’intolérance des faiseurs et des défenseurs des systèmes, c’est un combat contre le dogmatisme de ceux qui les professent.

Pour mener à bien sa critique des faiseurs de système, il fait voyager Candide à travers le monde pour qu'il mette à l'épreuve le système de l'optimisme qu'on lui a enseigné. La critique de l'esprit de système se double alors d'une critique de l'argument d'autorité qui conduira Candide à se réfugier, au terme de son voyage, dans l'île qu'est son jardin.

Virginia LANGUM; Sweden; Umeå University

"Consuming Climates: Medical Tourism and Cultural Interaction in 19th Century Madeira and Beyond"

Nineteenth-century Madeira was a popular destination for wealthy British people suffering from consumption. Designed especially for the "invalid", various English guides and diaries circulated in the 19th century provide invaluable insight into the cultural interaction between the "medical tourists" and the island. After providing an overview of the genre, the paper will contextualize these texts within pervasive contemporary theories of climactic determinism, whereby particular climates inhere particular traits in human beings and movement to different climates impacts physical, mental and moral health (e.g., Glacken 1967; Langum 2018). While the study of climactic determinism, particularly the propensity to violence, is a particularly robust and contested field within our own period of climate change, the paper will focus on the historical argument and its representation in this particular genre of literature. These texts participate in a significant wider discussion about re-location, climate and health made critical owing to expansion in trade and colonialization, as well as advances in medicine and science. Furthermore, they reveal more localized attitudes toward the physical, as well as mental and spiritual, health of medical tourists to Madeira and Madeiran natives.

Vita FORTUNATI; Itália; Department of Modern Languages and Literatures - Universidade de Bolonha

"A seminal global attitude in utopian journey"

In my paper I intend to discuss the hermeneutic and symbolic meaning of the voyage in the utopian tradition. In the first theoretical part I will analyse the attitude of the utopian traveller which is global and seminal in trying to describe every aspect of the new society he wants to propose. In fact the "traveller-character can use this strategy because is a kind of link between the old and the new world and he is set, ambiguously, inside and out of utopia. Global also in the sense that the utopian writer in imagining a new world he takes into consideration not only the impact of the geographical discoveries but also the new scientific experiments and the innovative socio-political, philosophical ideas which were circulating in his/ her historical context. The utopian journey with all of its stages (initiation-permanence- return) since it is rooted in myth,

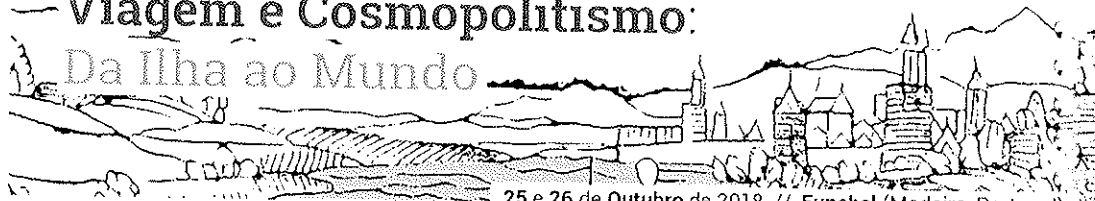
UNIVERSIDADE DA MADEIRA
BIBLIOTECA

shades with symbolic and metaphoric meaning the whole structure of the utopian paradigm. The utopian genre is strictly connected with the travel literature and the imaginary voyage and it exists a strict intertextuality among them. The study of utopian literature allows transversal routes: it is a hybrid genre between fiction and reality, between anthropology and history of ideas. A field of study that encourages the meeting between different subjects; encounters that can be difficult, but that are always alluring and essential, since they allow for dialogue, for exchange. In this sense utopia is in its essence interdisciplinary. In the second part of my paper in order to demonstrate my working hypothesis I analyse some classical canonical utopia (Thomas More, Francis Bacon, Louis -Sébastien Mercier, Willam Morris) and some ecological utopias of twentieths Century (A.Huxley and Ernest Callenbach).

UNIVERSIDADE DA MADEIRA
BIBLIOTECA
N.º 81440M
DATA 05/11/2018

COLÓQUIO INTERNACIONAL

Viagem e Cosmopolitismo:
Da Ilha ao Mundo



25 e 26 de Outubro de 2018 // Funchal (Madeira, Portugal)